

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 1
digitado



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br*, para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debruçam sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

001 O PRIMEIRO DOENTE pg. 1	7
002 EU CUSPI pg. 4.....	8
003 ROLHA pg. 5.....	9
004 COMEÇO DE BAILE pg. 6	9
005 NÃO ESCREVA pg. 8.....	10
006 UMA CAÇADA pg. 9	11
007 MAU MOMENTO pg. 16.....	13
008 UM PETIÇÃO pg. 20	15
009 BERNE pg. 21	15
010 PIPO DE IRRIGADOR pg. 22	16
011 PLACENTA CARA pg. 23.....	16
012 CIÊNCIA ERRADA pg. 25.....	17
013 TENTATIVA DE AGRESSÃO pg. 26.....	18
014 A MORTE DO VELHO pg. 30	19
015 APOSTA pg. 33	21
016 ASSOPRA-ME pg. 35	22
017 ABORTO pg. 38	24
018 UM PARTO pg. 19.....	24
019 O ROCHINHA pg. 42.....	26
020 SANTOMINA pg. 44.....	26
021 PNEUMONIA DUPLA pg. 45	27
022 APOSTAR SOBRE A MORTE pg. 47.....	28
023 TRAJETO ORIGINAL pg. 49.....	28
024 ÚTERO pg. 50	29
025 INJEÇÃO EM MORIBUNDO pg. 51	29
026 FALTA DE AUDÁCIA pg. 53	30

027 ATESTADO MÉDICO pg. 54.....	31
028 SACO DE BATATAS pg. 57.....	32
029 A POMADA DO TITIO pg. 58.....	33
030 UM TIRO SÓ pg. 60.....	34
031 DEDO DO DOUTOR pg. 61.....	34
032 SUA MORTE pg. 64.....	36
033 CUNHA pg. 66.....	37
034 NEURASTÊNICO pg. 67.....	37
035 CAROÇO pg. 71.....	39
036 SEXTA-FEIRA SANTA pg. 74.....	40
037 PAPEL HIGIÊNICO pg. 75.....	41
038 UM CASO EM LIBRES pg. 77.....	42
039 PAPO pg. 81.....	43
040 TIO LUIZ pg. 86.....	46
041 LULU pg. 89.....	47
042 UM MAÇO DE CIGARROS pg. 91.....	48
043 MORDIDA DE ARANHA pg. 92.....	49
044 BRUTA DESCULPA pg. 99.....	52
045 SOPA pg. 101.....	53
046 LICINIO pg. 102.....	53
047 REICHMANN pg. 106.....	55
048 CASO DAS VACAS pg. 108.....	56
049 IRENO pg. 111.....	57
050 ABSCESSO DE PESCOÇO pg. 113.....	58
051 GRANDE ERRO pg. 114.....	59
052 OSCAR pg. 116.....	60
053 CHINA pg. 125.....	63
054 ENTENDIDA pg. 127.....	64

055 RICOCHETE pg. 128	64
056 TRINTA ANOS pg. 129.....	65
057 GERALDINO pg. 133	67
058 ESPÍRITO pg. 136.....	68
059 RUPTURA DE ÚTERO pg. 139	69
060 MÃE E FILHA pg. 142.....	71
061 UMA DENTADURA pg. 143	71
062 MILHARADAS pg 145.....	72
063 A MORTE DE OLYMPIO pg. 147	73
064 A IRMÃ DE APOLINÁRIO pg. 150.....	75
065 SIFILITICOS pg. 126.....	76
066 SIMULAÇÃO pg. 155.....	77
067 DOIS PÃES pg. 159.....	78
068 OUTRA SIMULAÇÃO pg. 161	79
069 TAMANCOS pg. 163	80
070 PIOR QUE O SONETO pg. 165.....	81
071 PELAS CARTAS pg. 168.....	82
072 SEM ANESTESIA pg. 170.....	83
073 NÃO QUERO CHINA pg. 172.....	84
074 QUANTO P pg. 177.....	86
075 ÚNICA BOFETADA pg. 178.....	87
076 PERFIDIA INOCENTE pg. 182.....	89
077 QUE LATA pg. 183.....	89
078 O CASO DO MUNDICA pg. 185	90
079 PEDRO PINTO pg. 191.....	93
080 PERGUNTA INDISCRETA pg. 195.....	95

Logo depois de formado, em 24 de dezembro de 1905, fui para Passo Fundo.

Ali chegado a 25 de janeiro de 1906, abri meu consultório na Farmácia dos Pobres, de Oscar Pinto de Moraes, anunciando-me então pelo único jornal da terra, o semanário “O Gaúcho”. Decorreu-se exatamente um mês, sem que eu tivesse uma consulta sequer. O meu desapontamento era imenso, e já estava resolvido voltar a Porto Alegre.

Na cidade trabalhavam dois médicos licenciados: Roberto Cunha e Silva e Gezerino Lucas Annes. Este tinha cerca de 80% da clínica, e era homeopata; aquele que fora estudante de medicina na Bahia, e que tomara parte saliente na revolução de 1893, no Rio Grande do Sul, nas forças de Gomercindo Saraiva, dedicava-se também à advocacia, principalmente Juíz. Ambos, mormente o homeopata, moviam-me uma guerra surda e lenta. Em 25 de fevereiro, fui chamado para atender a uma menina, filha do Sr. João Jacob Muller. Gezerino era o médico assistente. Tratava-se de um caso grave de angina diaplitérica, e até aquela época doente acometido de tal enfermidade era “defunto fresco”, pois ali não se conhecia o soro de Roux.

Parece incrível, mas é a pura expressão da verdade, que em Passo Fundo ainda não se fizera uma injeção de medicamento algum: o método de tratamento por meio de injeção era completamente desconhecido.

Atendi ao chamado, com a condição de não fazer conferência, não só porque o assistente não era formado (única vez que, por tal motivo, assim procedi na vida) como também pela campanha e descrédito que me era movida.

Além disso, soube que Gezerino dissera: “pois aí está um caso para esse menino; vamos a ver o seu preparo; sair agora da Academia; é doutor; vamos experimentá-lo”.

Clara era a intenção de me fazer estrear mal.

Na minha pequena ambulância, levava algumas ampolas daquele soro, que até então vinha de Paris. Aconselhei a aplicação. A família opôs-se porque “seria judiar da doentinha, furando-lhe a pele”. Insisti com tenacidade, lendo-lhe livros, revistas e a descrição que acompanhava o vidro. Depois de uma luta tremenda, venci e fiz a primeira aplicação; doze horas depois a segunda e após 48 horas a enferma estava restabelecida.

Foi um sucesso. Na pequena cidade só se falava nesse assunto.

Desde então tomei conta de clínica, quase por completo.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

002 EU CUSPI pg. 4

Certa vez, conversava eu com o meu ilustre colega, Dr. Arthur Leite, no “hall” do Hospital de Caridade, quando chegou um ferido.

Tratava-se de Domingos Pasqual, rapaz valente, e que seguidamente se envolvia em conflitos.

Foi ferido com projétil de revólver já há 5 dias, e estava com o rosto muito inchado e envolto em panos sujos de sangue. Retirados estes, verificamos um ferimento na parte média do maxilar inferior direito, com fratura deste e de dois dentes. Julgamos conveniente levá-lo ao raio-x para a localização da bala, ao que, mal podendo falar, nos respondeu Pasqual “A...bala... eu...cuspi”.

De fato, assim acontecera: o tiro de um revólver 32 bem ordinário, fora dado de muito perto, o projétil quebrara o maxilar e dois dentes, caindo na cavidade bucal...

Esse Pasqual, mais tarde, em 1932, pelejando briosamente nas forças do General Candido Carneiro Júnior, quando do notável movimento revolucionário de São Paulo, pela reconstitucionalização do País, foi morto no combate do Fão, em Soledade.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

003 ROLHA pg. 5

Quando clinicava em Passo Fundo o Dr. Varnieri, fomos chamados para atender a uma parturiente. Era o caso de uma múltipla, no seu 12º parto. Encontramo-la com o colo gradualmente dilatado, com o feto bem engajado na bacia inferior, mas com completa inércia uterina.

Aplicamos uma injeção de pituitrina. Dia de muito calor, a senhora se encontrava coberta apenas por um lençol. Cinco minutos depois ouvimos um ruído semelhante ao estouro de uma garrafa de champagne. Descobrimo-a, vimos o feto atirado perto dos pés da enferma, que estava com as pernas ligeiramente curvadas.

Perguntei baixinho ao colega: “Vistes que rolha?”, ao que, desde logo, me respondeu: “eu não me admiro da rolha, mas sim da garrafa”.... Ambos sorrimos.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

004 COMEÇO DE BAILE pg. 6

Por ocasião do ataque ao quartel do 8º Regimento de Infantaria de Passo Fundo, em 3 de outubro de 1930, foi ferido gravemente um pobre moço de 19 anos de idade, por uma rajada de metralhadora no ventre. Era residente em Campo do Meio, e fazia parte das forças do Coronel Marcos de Oliveira Fortes, mais conhecido por Marcos Bandeira.

Recolhido ao Hospital de Caridade, fui vê-lo no dia seguinte, após a rendição do quartel. Estava nos seus últimos instantes de vida, mas ainda me reconheceu. Procurei confortá-lo. Ele bem compreendia o seu estado. Perguntei-lhe se tinha alguma recomendação a fazer, e se queria alguma coisa, ao que me respondeu: “muito obrigado meu querido doutor. Estou muito mal. Vou morrer e só levo para o túmulo um pesar. A única coisa que eu sinto doutor, é morrer no começo do baile”. E expirou...

Essa desgraçada revolução, tão desvirtuada pelos despistamentos getulistas, trouxe ao País um grande número de heróis, quase todos como as joias da Casa Sloper: falsos e ordinários.

Autêntico herói foi aquele humilde e desconhecido soldado.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

005 NÃO ESCREVA pg. 8

Uma madrugada de inverno, chuvoso e muito frio, fui procurado em meu escritório por um caboclo do sexto distrito, chamado Carolino. Atirou o chapéu e o poncho, sujos e molhados, no chão.

Acendeu um cigarro de palha, de fumo “macaio” e, contando-me ao que viera, cuspiu diversas vezes no assoalho. Dei-lhe a receita com as explicações necessárias, pagou-me 10\$000 pela consulta. Ao se retirar, procurou-a em todos os bolsos sem encontrá-la, pois, não sei como, a mesma caíra para debaixo de uma dobra do poncho. Já amolado com tanta demora, propus-lhe dar uma outra. O caboclo, cada vez mais nervoso, pediu-me então: “não faça isso, não quero, não quero, eu hei de achá-la”

Não lhe atendi e quando ia escrever uma outra, o Carolino segurou-me no braço e secamente:

- Não escreva, por favor.

- Por quê?

- Sim, retrucou, porque o senhor escrevendo novamente, há de que querer me cobrar outros 10\$000, e eu não estou por isso.

Depois de muito trabalho, ofegante e mesmo suando, achou-a por fim.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935

Logo depois de formado, conheci o Raul Conty. Era francês, casado, de gênio muito alegre, comunicativo, cerca de 42 anos, baixo e um pouco gordo. Era, apesar de seu físico, muito ágil: subia em qualquer árvore, grossa, alta e lisa, com a maior facilidade, e sem correias nos pés, tão somente era necessário que pudesse abarcá-la, mesmo em parte.

Gerente de uma poderosa empresa de erva-mate, Marques, Veja & Cia, sua grande paixão era a caça; tudo para ele servia: perdiz, veado, tatus, tigre, raposa, cotia ou qualquer outra. Não gostava de pescar. Não falhava um domingo sequer que não saísse para o campo ou para o mato. Possuía lindos cães, de várias raças. Lembro que comprara, em Montevideú, em perdigueiro vinagre, de nome Tell, por 1:200\$000. Tornamo-nos amigos; era eu o seu médico. De uma viagem que fizera a capital do Uruguai, trouxe-me de presente uma magnífica espingarda belga de dois canos, mocha, calibre 16 e todo o material preciso: cartuchos de papelão e metálicos, buchas secas e engraxadas, pólvora com ou sem fumaça, chumbo de diversos tipos, espoletas e máquinas especiais para tirá-las e colocá-las, medidas para pólvora e para chumbo, etc.

Tornei-me assim caçador obrigado, mas, confesso, não apreciava o “sport”. Fazia-me uma pena imensa matar pássaros, aves ou animais, e tanto eu sofria com isto, que dentro de dois meses, abandonei e denominada “diversão”. Eu nem gosto de animais e pássaros presos; penso ver, nos seus lânguidos olhares, uma imensa tristeza... a da liberdade que perderam, saudade dos lugares onde nasceram e viveram. Nesse sentido, chego a abominar os jardins zoológicos, porque eles são verdadeiros cárceres.

Em maio de 1908, si não me falha a memória, no dia 8, Conty foi em meu consultório convidando-me a uma caçada de perdizes, à tarde. Excusei-me como melhor pude, mas o francês amigo insistiu tanto, removendo todas as dificuldades, que lembrei de momento, que acedi.

Às 2 horas, saímos: Conty, eu, Augusto Loureiro, dois meninos filhos deste e um menor Osvaldo, meu peão e meu afilhado. Levamos 3 cães: o meu chamava-

se Sarandy, cão inteligente e brioso. Entramos pelo meu potreiro nos arredores da cidade. Ali, Sarandy amarrou e atirei com boa pontaria. O cão, ao alcançar a perdiz fe-la aos pedaços, e surrei-o. Disparou para casa. Já aborrecido, quis também voltar, mas continuei, combinando com o Augusto que faríamos tiros alternados. Nos campos de João Schell, tomamos uma direção e Conty outra, seguindo para o lado do cemitério. Poucos metros havíamos caminhado quando chamei a atenção de Augusto do modo como levava a arma, apontando para o meu lado, pois estava com mau presságio. O meu companheiro, ótimo amigo e querido primo, e que foi a primeira vítima da gripe epidêmica, em Passo Fundo, em novembro de 1918, era, nas caçadas, bastante impertinente. Disse-lhe de meu mau pressentimento e chegamos a discutir a respeito. Sentei-me em um cupim, e deixei que os dois caçassem a vontade. Dom Raul, como era conhecido, pois viveu muitos anos na Argentina, já se havia afastado cerca de 800 metros, quando ouvi dois tiros muito rápidos.

Chamei a atenção do meu parente para o caso, que me respondeu que Conty tinha o hábito de descarregar os dois canos, quando errava o primeiro disparo, mas tal era o meu estado de espírito que encaminhei-me para o lugar pressuposto, e mal havia caminhado cem metros, quando ouvi nitidamente: "Socorro! Socorro!" Avisei o Augusto, e ambos corremos para lá. Qu quadro estúpido e brutal, deparamos!

Conty pálido, caído, pedindo insistentemente água, com a roupa do lado direito do ventre queimando, com intestinos a mostra. Tirei um grande lenço de seda do pescoço, e atei-lhe bem apertado no ventre.

Exclamando o velho amigo: "Que horror doutor, vim procurar a morte atrás do cemitério". De fato caíra bem atrás daquele local. Conduzido de carro para a cidade, verificamos o ferimento: orifício de entrada, de cerca de 10 cm de diâmetro, a arma tinha calibre 12, cinco centímetros mais ou menos abaixo do rebordo costal direito, e toda a carga de chumbo se localizando sob a clavícula esquerda: da direita para a esquerda, e de baixo para cima. Com tal lesão, ainda viveu cerca de uma hora, e antes de tentar qualquer situação faleceu, relatando como o fato se dera: sua arma era mocha também, com um priguêlo só e tendo

em cima uma pequena mola de segurança, de movimento muito suave. Por uma inadvertência, a segurança estava aberta, e exatamente com o contato do dedo no prigueiro, arma muito delicada, disparou o primeiro tiro. Com o choque inesperado, arremessou a arma para longe, e batendo a coronha no chão saiu o segundo. A coronha estava toda suja de barro e de capim. Quando cheguei ao local do desastre, Tell uivava tristemente.

No dia seguinte, presenteei a um amigo todo o material de caça, e nunca mais a pratiquei: Aquele cão sofreu muito com a falta do seu dono, e dava muita lástima ver o pobre Tell, magro, de orelhas baixas, mirando às vezes, procurava seu amigo nos lugares em que costumava frequentar.

Destino triste: Tell, como um cão vagabundo foi envenenado pela municipalidade...

Pobre Conty e não menos pobre Tell!

Rio de Janeiro, 11 de julho de 1935.

007 MAU MOMENTO pg. 16

Este mesmo Raul Conty estava na véspera do trágico acontecimento que lhe roubou a vida, com uma de suas filhas doentes. Era uma moça de complexão bastante delicada e muito sensível, noiva de um engenheiro francês, e que seguidamente era acometida de ataques de grande histeria, que se prolongavam às vezes por 2, 5 e até 8 dias, durante os quais apresentava acessos de verdadeira perturbação mental. Em uma dessas vezes, Conty me procurou, dizendo que o estado de sua filha, a qual em seu delírio pedia insistentemente que me chamassem, pois tinha um importante e sensacional segredo a revelar, e que só faria a mim, e a mais ninguém.

Fui. A casa estava em grande reboição. Introduzido no quarto, a doente, em altos brados e em gestos desordenados, exigia que todos se retirassem, pois o assunto era muito grave, e somente eu poderia ser seu conhecedor. Todos sabiam, mas

Conty, de acordo comigo, se escondeu cautelosamente atrás da cama, e ela começou:

- Doutor, dê-me as suas mãos. Estou apaixonada.

- Já sei, respondi, isso é natural, tens um lindo noivo.

- Não, não é por ele, retrucou; chegue-se mais para mim; sente-se na cama e seja meu confidente. Aperte mais as minhas mãos.

Comecei a não me sentir bem, por isso que esta jovem, em seu estado de alucinação poderia criar um caso comigo, e muito desagradável.

-Estou apaixonada, doutor. E o meu grande desespero é que o homem a quem amo é casado.

Nesse momento, a coisa era mais séria e mais grave, mas como de nada me acusasse a consciência, perguntei-lhe em tom enérgico e imperativo, para, de vez, acabar com aquela situação:

-Responda-me incontinenti: quem é esse homem?

-Esse homem, doutor, é o meu cunhado.

Dá-se nesse instante uma cena indescritível. Conty sai do esconderijo, salta sobre a filha, estabelece-se a luta, a moça reage violentamente e seu próprio pai procura enforcá-la nas suas longas tranças. Conseguimos com muito custo, arrancá-lo do quarto, e fazê-lo compreender o estado de perturbação mental da filha, capaz, portanto, sem responsabilidade, dos maiores desatinos. A moça, como depois de uma tempestade, serenou, e, com altas doses de calmante, adormeceu. No outro dia, do modo trágico já descrito, Raul morreu, e houve muita gente que pensou em suicídio, mas asseguro que tal não houve.

Contam pessoas da família, o que consigno a título de curiosidade, que essa doente, na hora do desastre com seu pai, acordou-se sobressaltada, em prantos, gritando: "Onde está meu pai? O que aconteceu com ele? Vi-o todo banhado em sangue."

Poucas semanas depois, essa nervosa criatura, que dedicava, de fato, um grande e sincero amor ao seu noivo, casou-se e vivem hoje muito bem no Estado do Paraná.

Com o casamento, ficou completamente boa. Nunca mais teve um ataque. Possuo, em meu arquivo, uma carta muito bem expressiva, do então noivo.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

008 UM PETIÇÃO pg. 20

Atendendo, certa vez, a uma senhora da alta sociedade de Passo Fundo, e, como se tratasse de um parto normal, mas demorado, fui à varanda, onde se encontrava o marido, cercado de pessoas amigas, dar-lhe a minha opinião.

Ofereceram-me um café e a palestra generalizou-se para assuntos vários. Nisso entra um menino de oito anos e o pai, todo alegre, inquire-o:

- Tua mamãe vai ganhar um nenê, e o que é que tu queres que seja: uma irmãzinha ou um irmãozinho?

O garoto, dando forma ao seu maior desejo na vida, respondeu incontinenti:

- Eu quero que seja um petiço.

Ecoou, em coro, uma geral gargalhada, a qual se sucedeu um grande silêncio.

A cena de constrangimento não se escreve... calcula-se e sente-se...

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935

009 BERNE pg. 21

O Dr. Francisco Benoni mostrou-me um caso de sua clínica: uma criança de poucos meses com um tumor na parte anterior e média da língua. Achava o colega o caso muito estranho, e, parecia-lhe tratar-se de uma goma sífilítica.

Examinando-a atentamente verifiquei que nada mais era do que um “berne” ali colocado, por certa mosca, quando por certo a criança dormia com a boca aberta.

De fato, operamos a pequenina, extraindo um verme de tamanho regular. Cura rápida.

O colega, ilustre médico italiano e professor, há pouco tempo chegou da Europa, ainda não conhecia a mosca do berne.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

010 PIPO DE IRRIGADOR pg. 22

Uma senhora da alta sociedade, que sofria de pertinaz prisão de ventre, costumava, de quando em quando, fazer uma lavagem estomacal. Certa manhã, não tendo fixado bem o pipo em seu suporte, ficou o mesmo no intestino.

Deu o alarme:

Seu marido procurou, às pressas um médico, solicitando-lhe uma visita urgente, e regressando imediatamente à casa.

Quando o facultativo, munido de aparelhamento próprio, seguia para atender a descuidada senhora, vem ao seu alcance o marido, que, todo radiante, disse-lhe textualmente:

- Doutor, não precisa mais, a mulher deu um bruto peido e atirou o pipo fora...

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

011 PLACENTA CARA pg. 23

Numa linda madrugada de verão, veio à minha casa um senhor que trajava luto fechado, chamar-me para ver sua filha, no 3º Distrito. Contou-me que sua

mulher falecera há pouco menos de um ano, em consequência de um mau parto, quando estava eu exilado na Argentina, e que sentia muito minha ausência.

Agora sua filha estava mal, muito mal, também de parto, e queria que eu fosse até lá. A criança já nascera, mas a placenta não saía, e isso há quase 24 horas. Fui. Depois de uma hora de viagem de automóvel, lá cheguei, e a minha impressão do momento, foi a pior possível, porque todos choravam, e o desânimo era geral. Preocupado pelo triste ambiente, entrei célere no quarto. Pulso magnífico, temperatura normal, estado geral ótimo. Exame de ventre: útero retraído. Em exame geral, constatado um longo cordão umbilical atado à perna da parturiente e a placenta inteiramente acomodada na cavidade vaginal. Fiz a necessária assepsia, quase desnecessária, e, em uma manobra mais do que simples extraí a "secundina" dando a doente como salva.

Houve uma verdadeira vibração de alegria.

Todas aquelas caras sonolentas e chorosas transformaram-se em um instante.

Todos queriam abraçar-me.

Ao regressar, um tanto envergonhado pelo pouco que fizera e pelo muito que louvado, o velho pai da moça pagou ao chauffeur, e deu-me um conto de réis, perguntando-me ainda se achava pouco.

Perfídia! Com a morte da esposa, ele estava escaldado e, como gato, tinha agora medo de... água fria.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

012 CIÊNCIA ERRADA pg. 25

Por ocasião de um chamado para o interior do município, a fim de ver uma senhora de pouco mais de 40 anos, em parto difícil, esposa de um fazendeiro, e depois da intervenção necessária, tive que pernoitar na estância pelo adiantado da hora, chuva e porque, nesse tempo, as viagens eram feitas a cavalo. No dia seguinte, por ocasião do café, que me foi servido no próprio quarto da

parturiente, perguntou-me o marido se uma criança com 3 meses de gestação podia viver.

Notei que a senhora tapava ligeiramente o rosto com o lençol. Respondendo-lhe de modo negativo, soltou o pobre homem uma longa gargalhada, retrucando-me assim:

- A sua ciência está errada, doutor. Vou lhe provar já e já o contrário; casei-me e minha mulher no fim de três meses teve uma menina, que é esta que está lhe servindo o café, e eu lhe juro que não tive nada com ela antes do casamento.

Notei que o rubor subia às faces pálidas da recém-parida.

Achei de bom aviso não discutir, e tratei algum tempo depois de indagar a respeito, sabendo, por velhos moradores da vizinhança de causos escabrosos com um outro homem, capazes de explicar a “ciência errada”.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

013 TENTATIVA DE AGRESSÃO pg. 26

Alguns meses mais tarde, esse “ingênuo” caboclo foi à cidade operar-se de um fleimão na mão esquerda. Depois de trinta curativos, e consequente restabelecimento, apresentei-lhe uma módica conta de 300\$000. De momento, achou-a muito razoável, e à tarde, por um seu afilhado, mandou-me levar o dinheiro pedindo recibo. Como não tivesse selo na ocasião, em se tratando de pessoa de confiança, prometi mandar-lhe no dia imediato. Aconteceu, porém, que tive de atender, no interior, a um enfermo, no outro dia. Fui de “aranha”. Muito calor, cerca de 11 horas, passei no topo de uma coxilha, para dar alce ao meu “zaino” que, por gordo, estava um tanto “alombado”. Viajava comigo Homero Leite, meu cunhado, que se afastara para um valo, onde fora satisfazer imperiosa necessidade fisiológica. Homero levava o meu revólver, e eu um mosquetão Winchester, 44, que estava descarregado. Nessa altura fui alcançado por três cavalheiros: o ingênuo, o seu afilhado e um mulato por nome Chico. Saudei-lhe amavelmente, e a resposta do primeiro foi esta: “O senhor ontem

mandou-me uma conta, paguei, ficou com o dinheiro e não me deu o recibo. Agora vai me devolver a metade porque acho-a muito exagerada; é um roubo; escolha: por bem ou por mal...”

Com o espanto, que era natural, procurei aproximar-me da “aranha”, tomar a arma e meter-lhe cinco balas, o que fui conseguindo com certa habilidade e concordando, em parte, com ele, visto como o meu adversário tomava impertinente atitude agressiva, e eu estava desarmado. Isto feito, dei um salto para traz do carrinho, tomando boa posição e gritei; apontando-lhe a arma:

- Miserável, nem mais uma palavra, porque te mato.

Homero chegara nesse ínterim, de revolver na mão e Chico também se colocara ao meu lado, sacando a arma. Ficamos 3 por 2. O “valente” percebendo minha decisão e a gravidade imediata, guardou a pistola, desculpou-se, pediu perdão... enfim, portou-se como um covarde, retirando-se entre boas gargalhadas nossas, a todo galope, em seguida. Chegou ao meu conhecimento, mais tarde, que ele fora aconselhado a tal, por um médico licenciado, que lhe afirmara cobrar, por semelhante trabalho 150\$000.

Passado um mês, foi o “heroi” à minha casa, desculpando-se novamente.

Tratei-o bem, como manda a educação e tornamo-nos, de novo, camaradas. Esse homem era apontado em Passo Fundo como um grande usurário.

Conta-se dele o caso, entre muitos outros, de nunca haver usado botinas: só tamancos e bota, cujo cano, de boca notavelmente larga, sempre foi o mesmo, durante 30 anos.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935.

014 A MORTE DO VELHO pg. 30

A menina, que nasceu com três meses de vida intra-uterina, quando completou 18 anos, casou-se e, como filha única ficou morando com os pais. Entre estes e genro, rapaz muito pobre, não tardou a desavença, principalmente com a sogra,

que era geralmente conhecida como uma mulherzinha de faca na bota. Os velhos ricos e avarentos não soltavam um réis ao rapaz, que por sua vez, retribuía com constantes desaforos. O homem das botas de 30 anos, já avançado de idade, tinha tuberculose de forma aguda. Chamaram diversos médicos, mas sem o menor proveito: A doença célere procurava seu curso final. Uma noite de inverno, muito a contragosto, tive que atendê-lo. Estava em suas últimas horas: Hemoptises enormes e contínuas, dispnéia intensa, pulso mau, quase imperceptível, etc., mas conservando intacta a consciência, que é nesses horribéis casos, a última luz que apaga. Seguindo o preceito de curar alguma vez, aliviar outras e consolar sempre, expressei-lhe algumas palavras de esperança.

Pausadamente disse-me o enfermo:

-Reconheço ...doutor... a sua... bondade... estou muito mal... não amanhecerei... por favor... dêem-me um pouco de leite.

Mandei que lhe dessem; travou-se então uma polêmica entre sogra e genro.

-Ele toma de 2 a 3 litros de leite por dia, afirmou a velha.

-Mentira, retrucou o genro, ele não toma nem uma xícara; esta velha é quem bebe tudo.

- Sem vergonha, mentiroso.

- Jararaca.

-Que horror! Exclamou o doente. Vocês... não respeitam... nem os meus... últimos momentos... de vida....

-Morra de uma vez velho estúpido, disse o moço. Você agora só serve para trambolho.

-Que horror, meu Deus! Gemia o velho.

E nesse diapasão prometia continuar a querela.

Pasmo e perplexo, Dentro de íntima e profunda revolta, ouvi calado, considerando a miséria humana, todo esse dispaupério, mas a minha indignação rebentou explosiva:

- Calem-se. Vamos parar com essa torpeza. Não admito essa estupidez. Não vim aqui para presenciar essa cena brutal. Respeitem esse homem.

- Obrigado... doutor,,, pela sua bondade...

Sai porta afora.

No dia seguinte soube que o tuberculoso falecera meia hora depois, ouvindo sempre a mesma discussão travada, em crescendo. Só enxugando-lhe o suor agônico, chorava a filha... a pseudo-filha.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

015 APOSTA pg. 33

Era uma linda tarde de carnaval. Havia resolvido não sair a rua, pois não gosto de andar nessas festas populares, aos empurrões de todo o lado. Ia apreciá-las de casa, quando vem um auto buscar-me para ver, na cidade, a neta de uma fazendeira. Esta, rica, de pouca educação, de linguagem um tanto solta, era acostumada a jogar, em carreiras, quantias bem regulares. Criava uma neta, órfã de mãe, desde pequena, dando-lhe até uma boa instrução e fazendo-lhe todas as vontades.

Aos 18 anos contratara casamento com um rapaz de origem alemã.

A senhora referiu-me que sua neta comera, há dias, alguns camarões de lata, e que estava, desde ali, doente do estômago, vomitando muito.

Língua boa, sem temperatura febril, estado geral ótimo, notei, em exame ligeiro, um certo volume no ventre.

Em se tratando de uma moça, não quis, de momento, aprofundar mais a pesquisa; era preciso agir com muita cautela e limitei-me a receitar uma simples poção de citrato de sódio. No dia imediato a doente continuava no mesmo, e um

novo chamado. Levei um pouco mais longe minha observação, e receitei-lhe uma poção de Rivieri. No terceiro dia, maneiramente auscusei-lhe, com toda a atenção, o ventre, e cheguei a localizar os batimentos cardíacos de um feto de cinco meses. Levei o fato ao conhecimento da avó. Uma tempestade! A mulherzinha danada atirou-me uma porção de desaforos:

- Isto não é casa de china. O senhor está muito enganado, minha neta é uma moça honesta, isso é mentira sua e coisas parecidas.

Com a delicadeza de um homem de linha repeli as objurgatórias, e procurei sair. À porta, a velha não se conteve e me desafiou:

-Doutor, jogo com o senhor 500\$000.

-Senhora, não sou jogador, daqui há quatro meses verificará que a razão está comigo. Pode ir preparando os cueiros e toquinhas.

Bateu com violência a porta do meio e eu dei o fora.

O casamento realizou-se às pressas algumas semanas depois.

Decorridos os 4 meses, a então bisavó foi ao meu consultório desculpar-se e levar-me os 500\$000, que disse ter perdido na aposta.

Não aceitei. Ficamos bons camaradas, e sou hoje o seu médico de confiança.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

016 ASSOPRA-ME pg. 35

Com o ilustre Dr. Frederico de Marco fui assistir a uma parturiente, moradora há algumas léguas da cidade. Tratava-se de uma senhora de 30 anos, mais ou menos, casada com um rapaz de pouco mais de 20. Rica, feia, desbocada. O marido tinha-lhe verdadeiro respeito e medo. Por qualquer coisa, dizia, de público, o maior disparate. À casa, como é costume no interior, acorreram parentes, amigos e vizinhos. O movimento parecia o de um dia de festa. Fomos encontrá-la em camisa, caminhando em toda a casa, indo até o pátio, sempre acompanhada pelo séquito dos mais íntimos e pelo olhar curioso dos restantes.

Não queria se deitar. Quando o marido lhe anunciou que chamara médico, gritou: "Seu filho da puta, não quero médico, prefiro morrer. Vão todos à merda."

O Doutor de Marco estava pasmo.

Quisemos nos retirar, no que fomos obstados por todos os presentes.

Resolveu, por fim submeter-se a exame.

De vez em quando dizia ao esposo: "Assopra-me, sem vergonha; abana-me cachorro; estou sofrendo por tua causa."

E era de ver o papel ridículo do pobre homem, assoprando-a sob uma saraivada de descompostura.

Resolvemos uma aplicação de fórceps, mas como fazê-la?

Depois da desinfecção do material, em outro quarto, e quando tudo estava pronto, o Dr. De Marco, chegando de surpresa no quarto, e de acordo com os dois homens que seguraram-na fortemente, rápido anestesiou-lhe com keleno, que substituiu por clorofórmio, e eu pratiquei a extração do feto.

Tudo foi feito em 20 minutos, no máximo. A criança berrava no berço, quando a mãe despertou. Esta me gritou: "Seu cachorro, porque me judiou?"

Fiz-lhe ver que já estava boa, que era mãe de uma linda menina, que sossegasse, e ela, virando-se para o marido bestificado, berrou mais: "Seu idiota, faça essa cadelinha calar a boca, porque eu estou com dor de cabeça."

Sáímos. Nunca mais vi essa gente.

Sei que, certa vez chamaram outro colega. Provavelmente tem ódio de mim pelo bem que lhe fiz.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

017 ABORTO pg. 38

Chegado ontem, à Câmara Federal, conversava com o meu colega Dr. Renato Barbosa, quando de nós se aproximou o Dr. Heitor Annes Dias. Renato e Heitor, ambos médicos, velhos amigos, são representantes do Partido Republicano Liberal do Rio Grande do Sul, e eu da Frente Única, do mesmo Estado.

Heitor, pondo-me a mão sobre o ventre:

- Então, Vergueiro, 6 meses...

- E tu, Heitor?

- Aqui no Rio, eu perdi...

- Então, abortaste, Heitor?

Renato não conteve uma estrepitosa gargalhada, e Heitor encabulou.

Este queria explicar que perdera aqui, no Rio, alguns quilos de peso, mas eu, aproveitando o mote da palestra, envenenei a glosa.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935

018 UM PARTO pg. 19

Alguns homens passam pela vida deixando atrás de si um rastro luminoso; outros, a imensa maioria, cruzam apagados, medíocres, obscuros, na sombra, dentro da indiferença e do esquecimento, sem brilho, mas sem manchas; mas existem ainda outros que se notabilizam por um sulco profundo de ignorância, alardeando, o que é mais ridículo, conhecimentos que nunca, nem de leve possuíram. Coloco-me a gosto, na segunda série, mas o “herói” que, veladamente, procuro focar está na terceira. Velho médico licenciado, exercendo a clínica há cerca de 40 anos, dando-se um pouco ao abuso do álcool, tinha para todos os casos, receitas especiais, exercendo toda sua atividade terapêutica dentro de 8 a 10 fórmulas, invariavelmente escritas.

De chegada a Passo Fundo, pelo muito reclame feito, conseguiu alguma clínica, mas, pouco a pouco, foi ficando à margem. A sua especialidade era a cura do crupp e da hidropisia, por processo seu.

Como homem não era mau, mas como médico era péssimo. Vou contar dele, para começar, um caso: uma madrugada fui chamado para atender a uma principiaira nas proximidades do Mato Castelhano. Lá encontrei o “colega”, que passara a noite. Havia urgente necessidade de uma aplicação de fórceps.

Durante a assepsia, perguntou-me:

- Que vai fazer, doutor?

- É muito simples: meto as mãos na cavidade vaginal, trago o útero para o exterior, viro-o de dentro para fora, tiro o filho e a placenta, reviro-o e coloco-o em seguida em sua posição normal.

- Eu não tinha me lembrado disso, disse-me então, si não eu já o teria feito, mas eu lhe garanto, doutor, que na primeira oportunidade eu aplico esse processo.

Dei uma boa risada, que ele não compreendeu, e fui assistir a parturiente.

Eu mesmo a anestiesiei, clorofórmio à la reine, e fiz a aplicação do Tarnier, extraindo, com facilidade e com felicidade, um feto do sexo masculino.

A família ficou danada com o outro “doutor”, e chegou até a ofendê-lo muito, e tive de intervir para cessar essa cena desagradável, e até luta, porque o “colega” estava disposto a pelear, revidando as grosserias com outras piores.

Quando do regresso, no meu carro, para a cidade, chamei-lhe a atenção para a caçoada que eu fizera, que era um brinquedo meu e que quem assim procedesse, seria um criminoso.

Prometeu-me não aplicar o método, mas garantiu-me que iria comprar um fórceps.

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

019 O ROCHINHA pg. 42

Como eu e o Dr. Bruno de Campos pilheriássemos sempre com o “colega”, este nos prometeu mostrar um caso de cura de hidropisia.

Certa manhã, ele e o Dr. Bruno vieram, de carro, à minha casa, e, desde logo, foi dizendo:

- Fui buscar o Dr. Bruno, e agora o senhor para mostrar-lhe o caso do Rochinha, que os senhores desenganaram e eu curei. Esta perfeitamente restabelecido.

Fomos. Morava o Rochinha com seu irmão Innocencio Rocha, nas proximidades do cemitério. Quando chegamos o velho Innocencio tomava chimarrão à porta da casa.

O “colega” foi, de início, perguntando pelo Rochinha, ao que lhe foi informado que passara muito bem à noite, não tossira, não gemera e ainda estava a dormir.

O “esculapio” radiante resolveu acordá-lo, pois não poderia perder o ensejo de mostrar o seu caso.

Atravessamos toda a casa, pois Rochinha morava em um galpão nos fundos. O seu médico bateu, repetidas vezes, à porta, chamou-o pelo nome e, como não respondesse, o velho Innocencio, já alarmado, arrombou-a.

Eis o que vimos: Rochinha estava morto...

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1935.

020 SANTOMINA pg. 44

Lembro-me que foi logo depois da gripe epidêmica, em 1918. Chamado para atender a uma criança de 2 anos, quando lá cheguei a pobrezinha já era cadáver.

Relatava a família que, na véspera, um “médico” receitara à pequena uns papéis para tomar, em jejum, na manhã seguinte, de meia em meia hora um, e que, desde o primeiro, sentira-se mal, tanto que, depois do terceiro, suspenderam a medicação, morrendo logo em seguida.

Eis a brutal fórmula administrada:

Santomina – 0,10 centigrama

Calomelamos – 0,10 centigrama

Para 1 papel M. iguais n.º 10. Tome 1 de meia em meia hora.

Esta receita fora aviada pelo mesmo médico em sua própria farmácia.

A família não quis levar o fato ao conhecimento da polícia e até me faz um veemente apelo nesse sentido.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

021 PNEUMONIA DUPLA pg. 45

Dois sujeitos brigaram, de manhã, em uma padaria. Um deles deu um formidável soco da cabeça do outro. Queda imediata do ferido que não mais articulou uma palavra, e morte horas depois. À tarde, realizou-se o enterro. Tudo foi feito mais ou menos em reserva e às pressas. Atestado médico: causa mortis pneumonia dupla. O “médico” que o fornecera era o mesmo do caso Rochinha, santomina, etc. O fato delituoso, em murmuração latente, chegou ao conhecimento da polícia, e esta prendeu, na madrugada seguinte o criminoso, quando procurava embarcar na estrada de ferro, com passagem para a fronteira. Depois das exigências legais, foi determinada a exumação cadavérica, que só se efetuou após dez dias do crime devido ao mau tempo. Convidado, aceitei a incumbência e, em longo relatório, afirmei que a morte se dera por hemorragia cerebral, por forte pancada, com vasta fratura do temporal esquerdo, tão formidável que o couro cabeludo estava fixo aos fragmentos ósseos.

A vítima, pobre operário quase desconhecido, não teve ninguém por si. O “médico” não foi processado... um seu filho era então promotor público da Comarca, e mais, íntimo amigo do chefe político da época, que, como é sabido, enfeixava em suas mãos, pelo seu prestígio, todos os poderes: Intendente, Delegado de Polícia, Juíz distrital, Promotor e outros de menor categoria, só

faziam a sua vontade, previamente consultada, e eis como se explicava a ausência, quase permanente, de Juiz da Comarca, nessa zona.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

022 APOSTAR SOBRE A MORTE pg. 47

Certo “doutor” de quem me referi alguns casos, foi ver um doente em Pontão. Chegou, à tarde, e o enfermo já não falava mais, tendo ainda pleno conhecimento do que se passava ao redor de si, tanto que, com as mãos, fazia sinais, pedindo qualquer coisa. O curandeiro que já estava sob pressão de alguns cálices de cognac, deu a sua opinião como um caso perdido. À noite chuvosa e muito fria ficaram à cabeceira só três pessoas: o “médico”, a mulher do doente e um amigo deste, que também gostava de dobrar o cotovelo. Cerca das 10 horas, e o “doutor” sentenciou a morte para a meia noite, o outro disse que duraria mais, e jogaram nesse sentido uma garrafa de vinho do porto, que beberam em seguida. Tudo isso foi discutido e combinado na presença do pobre homem, que ,de vez em vez, sacudia a cabeça, com os olhos marejados de lágrimas. À meia-noite o doente ainda vivia, e a mesma cena, entre boas gargalhadas, se repetiu, com outra garrafa de vinho, para as duas horas. E assim foram de 2 em 2, de relógio em punho até às seis da manhã, discutindo em altas vozes e bebendo, quando, extenuados e alcoolizados, dormiram. A mulher cansadíssima, havia também se recostado em outro aposento, e, às oito, quando aflita, despertou, já havia na casa um cadáver. Algum tempo depois aquela senhora casou-se com o tal amigo de seu marido, que, em pouco, esbanjou a pequena fortuna deixada.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

023 TRAJETO ORIGINAL pg. 49

Entre os feridos, que atendi depois do combate do Cravo, em setembro de 1923, das forças do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado, comandado pelo

Tenente Coronel Edmundo de Oliveira e as revolucionárias do General Felipe Portinho, havia um, cuja bala fizera um trajeto original.

O projétil penetrou no 3º espaço intercostal anterior direito, saiu na altura do 8º posterior direito e foi alojar-se na parte média dos glúteos do mesmo lado.

O fato tem a sua explicação: o soldado estava deitado em um terreno de regular declive, ficando com a cabeça um pouco para baixo e as nádegas em posição mais elevada.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935.

024 ÚTERO pg. 50

Em meu consultório compareceu um cidadão de cerca de 65 anos de idade. Homem trabalhador e bom, mas profundamente inculto e atrasado. Disse-me logo de entrada: "Doutor, vim consultá-lo, ando muito doente, quero que o senhor me examine bem, porque não desejo morrer já, ando sofrendo horripelmente do útero.

"Diante de tal disparate, ri-me muito, dei-lhe algumas explicações necessárias e o cândido doente pediu-me então que não contasse o caso a ninguém. "Cândido" sim, pois o seu nome é assim parecido, "marquei" a ocorrência... e agora quase que escrevi o seu nome.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1935

025 INJEÇÃO EM MORIBUNDO pg. 51

Cheguei a Passo Fundo, vindo de Porto Alegre pelo trem da tabela, às 8 horas da noite, e, logo depois fui chamado para uma conferência com um ilustre colega. O doentinho tinha 3 anos, agonizava de uma pneumonia dupla. Nada mais havia a fazer, foi minha opinião.

O médico assistente quis ainda aplicar uma ampola de óleo canforado. Fiz-lhe ver da inutilidade e do perigo da criança expirar por ocasião da injeção,

lembrando-lhe o conselho de Huchard, de nunca praticá-la em moribundo, in extremis, a não ser que se trata de um meio inteligente, e quanta gente se julga tal, quando em verdade não o é.

O colega não aceitou a observação:

-Enquanto há vida há esperança.

Ainda não havia retirado a agulha quando o menino morreu.

Houve então uma cena brutal: os pais, em altas exclamações, naquela perturbação de momento, acusaram o médico de ter morto o seu filho e foi debaixo de imprecação que consegui retirar o amigo daquele ambiente, e até hoje, decorridos, muitos anos, apesar de minhas contínuas explicações, paira ainda uma dúvida cruel no espírito daquela gente.

A clínica particular tem certos meandros que só a prática ensina.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935

026 FALTA DE AUDÁCIA pg. 53

Em 1928, o Dr. Francisco Benoni e eu operamos, no Hospital São Vicente de Paulo, a um jovem, de família distinta e rica.

O estado do doente era péssimo e, diante de tamanha gravidade, nos foi exigido que continuássemos a atendê-lo, ambos com assistentes. Nos primeiros dois meses fazíamos dois curativos por dia; nos outros dois, um e nos dois últimos, um de dois em dois dias, além de injeções e de outros cuidados.

Restabelecido, enfim, depois de seis meses!

Resolvemos cobrar 15 contos, em conjunto. O pai do mocinho foi ao nosso consultório pediu-me a conta. Disse-lhe. Sacou do bolso um cheque do Banco da Província e ao enchê-lo:

- Ponho aqui também a quantia para o Dr. Benoni?

-Sim, respondi.

-Então são 30 contos.

E eu, a quem faltou a "audácia de afirmar", o mesmo que faltou ao Theodomiro, na Relíquia, do Eça, contestei-lhe:

- Não, são 15 contos ao todo. 7:500\$000 para cada um.

-Pensei, retrucou calmamente por último, que a conta era de 15 contos para cada um, e eu pagaria os 30 com muito prazer... e entregou-me, risonho, o cheque de 15...

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935

027 ATESTADO MÉDICO pg. 54

Nunca forneci um atestado médico gracioso, e acho, principalmente para eximir alguém do Juiz, um ato nada correto e recomendável.

Desde que me formei fiz questão de agir assim, e tal procedimento, de que nunca me arrependi, trouxe-me algumas desafeições, até mesmo entre pessoas de grande amizade.

É verdade que tenho dado alguns atestados, mas em casos de verdadeira moléstia.

Em 1910, por uma tarde de setembro, fui procurado pelo Sr. Guilherme Leyser, homem rústico e bom, trabalhador, chefe de uma numerosa família e residente cerca de uma légua da cidade: queria um atestado para o Juiz.

Depois de examiná-lo, verifiquei que estava, de fato enfermo, bastava a temperatura de 39.6, e entreguei-lhe o documento.

-Quanto é?

-Nada, respondi. Assim como não dou atestados falsos, os verdadeiros não cobro.

- Não, insisti. Não permito, e o senhor vai abrir uma exceção. Eu posso lhe pagar.

-Eu bem sei disso, redargui, mas não é nada.

-Bem, o doutor vai me permitir então que lhe deixe uma lembrança para charutos; faço questão fechada, é um presente e sentir-me-ei ofendido se não aceitá-lo.

E, do verbo à ação imediata, da volumosa carteira, tirou uma cédula, que colocou dentro de minha pasta.

Depois que saiu, verifiquei, com espanto, que a nota era de um mil réis!

Fiquei revoltado, e o ofendido agora era eu... mas esperei...

No dia seguinte fui chamado para atendê-lo em sua chácara.

Operei-o de uma volumosa adenite inguinal supurada, e cobreí um conto de réis, que pagou imediatamente.

Dirão: um mil réis era pouco, um conto era muito.

Responderei: lei das compensações.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

028 SACO DE BATATAS pg. 57

Certa vez fui ver um doentinho de dois anos, no lugar denominado Valhinhos. Fiz a viagem à cavalo.

Um caso de meningite aguda.

Prognóstico fatal.

Era filho de um colono, cuja mulher estava, na própria casa, atacada de alienação mental, em crise aguda.

Fiquei penalizado diante desse quadro. A criança morreu no mesmo dia. Decorrida uma semana, o pai perguntou sobre meus honorários profissionais e respondi que nada me devia. Agradeceu muito e prometeu retribuir um dia essa gentileza.

Uma mês depois, apareceu à porta de casa, em uma carrocinha.

-Trouxe aqui para o senhor um saco de batatas. Quer que descarregue?

Por entender que era uma gentileza, e não querer melindrá-lo com uma negativa, pois sinceramente desejei aconselhá-lo a vender, concordei.

Três meses após ao ocorrido, de novo aquele homem, de chapéu na mão, cheio de desculpas, mas como estava precisando vinha me cobrar o saco de batatas, que disse que havia me vendido.

Sem dizer uma só palavra de recriminação ou de explicação, paguei os 9\$000.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

029 A POMADA DO TITIO pg. 58

Havia em Passo Fundo um outro médico licenciado, que usava um só remédio para todas as moléstias: uma pomada. Esta era empregada em todos os casos que lhe apareciam, e era conhecida pelo nome de “pomada do titio” por isso que os sobrinhos do “doutor” e demais membros de uma família numerosa gabavam-lhe imensamente as propriedades milagrosas.

Tive ensejo de verificar a sua aplicação em pneumonias, derrames de pleura, meningites, infecções intestinais, lesões cardíacas, fraturas ósseas, etc. etc... e até em partos. O charlatão levou para o túmulo o segredo da fórmula.

Que egoísta!

Como ele, que também guardou na morte, só o célebre Ruysch, da Rússia antiga, que sabia de um processo seu de embalsamar, que pareciam dormir os seus cadáveres. Tinha o poder de conservar o aspecto alegre da vida, e não o quadro triste da morte.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1915.

030 UM TIRO SÓ pg. 60

De uma feita, atendi, às 10 horas da noite, a um baleado, no Hospital de Caridade.

Apresentou os seguintes ferimentos:

- 1) orifício de entrada ao dorso da mão direita e saída na face palmar;
- 2) idêntica lesão, na mão esquerda;
- 3) no ventre, cinco centímetros abaixo da cicatriz umbilical, num orifício por projétil.

Esses três ferimentos foram produzidos por um tiro só.

A explicação é esta: por questão de jogo, um cidadão esperou o outro, em uma esquina, lugar sem iluminação pública, e meteu-lhe o revólver no ventre. O agredido, em gesto natural de defesa, levou rapidamente as mãos sobre o abdômen, e o tiro se deu nesse momento.

A bala não penetrou na cavidade abdominal, ficando encravada nos músculos da região, donde foi extraída.

Há ainda uma coisa interessante a notar: a vítima não era a pessoa procurada pelo agressor, que se enganou com a escuridão do lugar.

Rio de Janeiro, 15 de julho de 1935.

031 DEDO DO DOUTOR pg. 61

Eu tinha um amigo que costumava, quando perto de pessoas de sua família, principalmente senhoras, fazer pilherias impróprias e escabrosas. Nunca presenciara essas cenas, por isso que as minhas relações com sua família eram apenas de cumprimento, mas sabia, porque era de comum conhecimento, dessas caçoadas, que se devem, sem o menor exagero, classificá-las de grosserias.

Várias vezes convidou-me para tomar mate em sua casa, e, temendo brincadeiras ásperas, recusava-me sempre, com delicadeza.

Em 1907, era eu, então, o único médico formado, na cidade. A propósito, abrindo um pequeno parênteses, quero consignar aqui que, até a presente data, sou o único filho de Passo Fundo, formado em medicina: no fim deste ano formam-se dois: Arthur da Rocha Morsch e Jovino Freitas.

Voltado à narrativa: por uma tarde de maio, fui chamado pelo marido, em referência, para assistir sua esposa, de parto.

Quando praticava o primeiro exame, aquele cavalheiro, sem mais aquela, perguntou à mulher:

- Fulana, o que é melhor: a minha p... ou o dedo do doutor?

Estavam também no quarto mais duas senhoras, mãe e irmã desse homem.

Fiquei pasmo e frio, indignado com tamanha falta de respeito.

Parei com o exame, lavei as mãos, vesti o casaco, e, em tom enérgico declarei:

- Aqui não venho mais, não admito essas brincadeiras, exijo que me respeitem... e retirei-me imediatamente, sem atender aos rogos da família e às explicações do marido.

Duas horas depois apelava-me a velha e respeitável senhora, sogra da parturiente para uma nova visita, a que não poderia me negar, por ser o único médico, e a vida da doente dependia deste.

Lá voltei, com a expressa condição do marido não entrar no quarto. Fiz com sucesso uma versão podálica.

No outro dia o fato era conhecido em Passo Fundo, contado com boas gargalhadas, pelo próprio marido, pouco, ou melhor, nada escrupuloso.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935.

Esse mesmo cidadão dedicava à esposa uma confiança ilimitada, e ela o traiu miseravelmente. Durante uma viagem dele, a sogra, que há muito já desconfiava de sua honradez, pegou-a, uma noite, em flagrante, reunindo de manhã os seus outros filhos. Fizeram-na embarcar no primeiro trem. O golpe foi tremendo e o homem quase enlouqueceu.

Entregou-se à bebida, ao jogo, às mulheres e às noitadas, mas, ao se recolher à casa, nesse estado lastimável, sua velha mãe assistia sempre a mesma cena dolorosa: o choro, cheio de dor, de seu filho querido.

Abandonou os negócios, perdeu tudo o que possuía, fez dívidas e o seu peso, que era de 115 quilos, baixou em menos de um ano para 80.

Certa manhã de primavera apareceu cedo em meu consultório, com os olhos vermelhos e ainda marejados de lágrimas e, nos lábios um esboço, algo trágico, de sorriso.

- Quero uma receita, um grande calmante, preciso dormir, descansar e esquecer um pouco que não posso mais viver assim.

O seu estado de nervos causava dó! Com os melhores conselhos, levei-o à casa próxima de uma sua irmã, a quem tudo, com minúcias referi.

Quando atravessávamos a rua veio ao seu encontro um campeiro entregar-lhe 80\$000, de dois bozinhos que dele comprara. Ao receber, uma rajada de vento, tão comum na primavera de minha terra, arrancou-lhe das mãos as quatro cédulas de vinte mil, e ele, em um acesso de rancor:

- Até o vento é contra mim...

Sua irmã, por indicação minha fê-lo tomar um demorado banho morno de imersão, uma taça de leite quente, e algumas colheres do remédio.

Dormiu toda a tarde, mas passou à noite em prantos.

No dia imediato, 20 de setembro, segui a Porto Alegre, assumir minha cadeira de Deputado Estadual, e ali, de chegada, soube que, naquele dia, o desnaturado amigo atravessara o coração com uma bala.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935

033 CUNHA pg. 66

Lá pelo ano de 1909, clinicou em Passo Fundo, um tal Dr. Cunha...

Moço de físico pequeno e magro era de uma apreciável simplicidade. A primeira coisa de que se lembrou foi um longo anúncio no jornal local, que o publicou de modo a ter ficado uma sílaba de seu nome, em letras grandes, em um canto de linha - cu- e a outra- nha - no começo da imediata. As pessoas que o leram, nada demais. Uns chamaram a atenção, mas o clínico irritado escreveu ao diretor do hebdomadário uma interessante carta, onde, reclamando energicamente contra a falta de considerações, entre outros engraçados conceitos, solicitava textualmente:

- Peço ajustar o cu no nha ou então o nha no cu.

Passo Fundo, 16 de julho de 1935.

034 NEURASTÊNICO pg. 67

Osório de Andrade Neves foi meu contemporâneo de estudos. Formamo-nos no mesmo ano, ele em direito, eu em medicina. Alguns anos depois foi advogar em Passo Fundo, e nos tornamos ainda mais amigos.

Inteligente, com sólida cultura, dedicado à sua profissão, bom e digno de tradicional família, era, no entretanto muito nervoso, em excesso mesmo, o que lhe conseguiu algumas inimizades. Não admitia caçoadas e brincadeiras comuns e irritava-se fortemente quando lhe recriminavam o gênio; abria nesse sentido, para mim, seu médico de confiança, uma exceção. Várias vezes tive o ensejo de

lhe chamar à ordem, pela sua impetuosidade e irreflexão, ouvindo-me sempre com calma, nunca me retrucando.

Deu-me, certa vez, um valoroso galo de briga, que denominei "neurastênico", e graça achou nisso. Fomos ao rinhadeiro vê-lo brigar e o fez com sucesso. Ozório, apesar de seu gênio, era dedicado, cortês, guardando sempre muita linha.

Alto e magro sofria de uma dispepsia alcalina, que mais lhe irritava o temperamento; do meu pomar, mandava-lhe quase diariamente cestos de frutas, com o que se dava bem.

Adoeceu de uma parotidite aguda (cachumbas), e tornou ainda mais irrequieto. Eu tinha para com ele uma paciência cristã, importando, risonho e com elevada meiguice, as suas impertinências.

Uma noite, de virtuoso frio e chuva abundante, piorou muito, e, apesar do recrudescimento de suas dores, não permitiu que me chamassem, pela inclemência do tempo. O proprietário do hotel aconselhou-o então que se deixasse examinar, numa emergência pelo Dr. Cunha. Concordou com a condição expressa de ser uma só visita, de urgência, porque não queria outro médico.

Gemia desesperadamente, e caminhava, o Ozório em todas as direções do quarto: queria uma injeção calmante.

Veio o facultativo e, ao examiná-lo, nesse transe, perguntou-lhe com ingenuidade:

- Dói-lhe?

-Sim e muito, respondeu contrafeito.

- Mas que engraçado...

Foi o "quantum satis". Uma tempestade rebentou em formidável descompostura, e pôs o colega porta afora, tentando até agredi-lo, no que foi obstado.

Tive que vir... contou toda a história, indignado.

- Não sabe que isto dói meu amigo! E acha graça da minha dor, meu grande amigo! Que bruto! Que estúpido! Só você é que me compreende.

Fiz-lhe uma injeção de pantopon.

Ozório casou-se, mais tarde, em Soledade, onde sem minha assistência, por estar ausente de Passo Fundo, faleceu de pneumonia.

Bom amigo recordo-me de você com saudades e imploro a Deus paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 1935

035 CAROÇO pg. 71

Em 1925, os funcionários da Viação Férrea dirigiram um memorial ao seu diretor, solicitando, com empenho, minha nomeação para médico da Caixa de Aposentadorias e Pensões, em Passo Fundo, e foi, com surpresa, que a recebi, pois de nada sabia e não desejava essa colocação, muito trabalhosa e de pouco rendimento.

Além de enorme serviço da cidade, que me absorvia tempo, era obrigado a uma viagem mensal, no trem pagador, de Carazinho à Boa Vista do Erechim, e mais a atender os chamados urgentes, ao longo desse trecho, e tudo isso por 500\$000. A contragosto, aceitei.

Com grave prejuízo de minha clínica geral, as horas eram poucas para o trabalho na Estrada. Qualquer dor de barriga, dor de dente, contusão, partos normais, etc. lá ia eu, por obrigação do emprego, e qualquer hora do dia ou da noite.

Certa vez, atendi, urgente, a uma senhora de um funcionário, que engolira um caroço de pêssego. Foi uma tragédia. Levei-a ao raio-x do Dr. Arthur Leite, e não se pode localizá-lo. Desde o esôfago, estômago, intestinos, durante um mês ela acusara dores.

Um dia, pela manhã, ao evacuar, sentiu uma dor aguda no ânus. Foi para o hospital. Um trabalhão colosso. Ao toque digital senti a ponta do maldito

caroço. Anestesia, dilatação, e depois de muito custo, em um meio aporcalhado; extração. Era de fato grande e tinha uma ponta regular. O marido chorava inconsolável, pelos corredores, e, ao entregar-lhe, naturalmente irritado, a volumosa semente, disse-lhe:

- Faça-me o favor de não deixar sua mulher comer pinhão, porque ela é capaz de engolir a pinha inteira, e caroço de pêssego sai pelo cú, mas pinha não.

O pobre diabo, sem compreender e todo alegre, prometeu, agradecido, atender ao meu pedido.

Terminado o caso verificamos às mãos, braços, aventais e sapatos, imundos.

Um formidável banho com sabão e escova, e mudança de toda a roupa, no próprio hospital.

A porcaria foi de tal ordem que o colega, Dr. Leite, que me auxiliara não pode se conter e vomitou na sala de operações

Nunca vi tanta m...Lembrava aquele ânus um daqueles pequenos vulcões de Java, com a única diferença de não ser a erupção de....lama.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935.

036 SEXTA-FEIRA SANTA pg. 74

Como médico da Estrada, fui, em uma sexta-feira santa, chamado para ver um seu doente, mas proximidades da Estação de Coxilha.

O telegrama do turmeiro era urgente e expressivo: uma criança gravemente enferma.

Deram-me um trem especial.

Bem contrariado, nobremente obrigado, segui, recomendando ao maquinista todo o cuidado.

Ia em minha companhia o engenheiro Dr. Nelson Ehlers.

Quando nos aproximávamos da frente da casa, vimos sentadas calmamente algumas senhoras, com várias crianças brincando ao redor.

Dissemos ao que íamos, e nos foi presente uma menina de 10 anos; a grave moléstia parece incrível, era sarna.

Fiz, a respeito, uma comunicação ao Chefe da Caixa.

No fim de 3 ou 4 meses, deixei o cargo. Chamados mais ou menos semelhantes tive outros. Não me era possível continuar, não tinha descanso.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935

037 PAPEL HIGIÊNICO pg. 75

O "seu" Carpes, homem honesto, pobre e trabalhador, foi, durante muitos anos, administrador do Hospital de Caridade. Somos, até hoje, bons amigos.

Pelo seu físico pequenino e acanhado, até parece um filhote de Gandhi. Por qualquer coisa ficava encabulado e vermelho.

Entrei, certa manhã, muito preocupado naquele estabelecimento, com o Dr. Odilon Berendt de Oliveira, a fim de uma conferência urgente, a propósito de um caso gravíssimo.

Logo vem ao meu encontro o "seu" Carpes, contou-me que uma mulher indigente passara mal a noite evacuando muitas vezes.

Prometi-lhe ir vê-la tão pronto me desocupasse.

Alguns minutos depois novo e pessoal aviso do homenzinho. Estava em conferência quando este fez-me a terceira comunicação, e, ao sair dela, todo irritado:

- Doutor é a quarta vez que lhe chamo e a doente, numa meia hora foi aos pés mais de três vezes. Que lhe dou, doutor?

- Acabou agora mesmo de evacuar? Perguntei sorrindo.

- Sim, doutor, o que lhe devo dar agora?

- Nesse caso, disse, de propósito, para a incomodá-lo, é natural. Dê-lhe papel higiênico imediatamente; é a primeira coisa que precisa uma pessoa de acaba de evacuar.

A resposta foi desconcertante; desapareceu; quase virou “sorvete” na frase popular.

Fui, em seguida, ver a enferma, e não era tanto como afirmava o impertinente administrador.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1935.

038 UM CASO EM LIBRES pg. 77

Quando do meu exílio, na Argentina, por questões políticas, visto ter sido solidário com a revolução paulista de 9 de julho de 1932 contra o governo ditatorial de Getúlio Vargas, estive algumas vezes em Libres, pequena cidade e de pouca vida social, onde clinicavam três médicos, com os quais eram quase nenhuma as minhas relações.

Certa manhã veio ao Hotel Central o querido amigo Aristides Pedroso, também exilado, e que me falou de uma senhora enferma, cuja família estava com vontade de ouvir-me a propósito do seu caso médico.

Por ser morador de Uruguaiana, gozava Pedroso de sólidas amizades em Libres. Nesse ínterim, entra-me, precipitado e nervoso, pelo quarto, um cidadão:

- Doutor, estoy con mi esposa gravemente enferma. Está para morir. Se que el señor es un gran médico, y vengo apelar para sus sentimientos de humanidad. Ya clamé um médico, que he hijo una inyeccion en el corazón, pero nada adelante! Ela tuvo um ataque cardíaco. Vamos deprisa Dr., Por favor le ruego, y espero que usted atenderá, mi fervoroso pedido.

-Sim, respondi, atenderei, mas não sou, como pensa, um grande médico. E fomos os três.

Em caminho, referiu-me que sua esposa tivera, na véspera, uma contrariedade “chica” e, em seguida um colapso cardíaco, e mais que o facultativo fizera-lhe, durante a noite, uma injeção de óleo canforado, em pleno coração, sem o menor resultado.

Óleo canforado no coração?!!

Entramos. todos choravam.

Em um ambiente de lágrimas e de angústias iniciei o exame: pulso 80 por minuto; cheio, bem ritmado; temperatura 36.4; aparelhos circulatório, respiratório, urinário e digestivo, normais; apenas um ataque histérico.

O colega, que, em verdade, era muito atrasado, havia se atrapalhado todo, o que não admira, pois mandara, naqueles dias, a mulher dele a Buenos Aires para fazer uma simples raspagem uterina, por aborto!

Quanto à injeção no coração, verifiquei que fizera uma de óleo de canforado na massa muscular do seio!...

No aposento não cabia mais uma pessoa, e fiz só ficarem as íntimas. Compressão demorada dos ovários, dos globos oculares e, dentro em pouco, a enferma conversava, sorridente, comigo.

Foi um sucesso como nunca vi; abraços e agradecimentos de todos. Receitei um purgativo drástico, ligeiro calmante, alguma dieta e absoluto repouso.

Pela primeira vez, fui considerado mesmo, "um grande médico".

Passo Fundo, 18 de julho de 1935

039 PAPO pg. 81

Em 1910, mais ou menos, abriu seu consultório, em Passo Fundo, o Dr. Enrico Giordano, grande médico e notável cirurgião italiano.

Deu-me dois brilhantes estudos seus, um sobre cirurgia nos ferimentos de ventre e outro sobre sutura de um ferimento de coração, os quais, com carinho, conservo em minha biblioteca.

Em sua companhia, uma linda senhora, de 22 anos no máximo, contrastando em ele, de idade superior a 50, que apresentava como esposa. Pelo que pude apreender, era apenas sua amante, talvez consequência de algum romance intenso, que os obrigassem vir ao Brasil, procurando desde logo o Rio Grande do Sul, onde havia a mais ampla e irrestrita liberdade profissional.

Praticou, comigo, muitas e melindrosas intervenções de alta cirurgia, em minha terra, sempre com impecável técnica, também auxiliado, em algumas, por aquela dama.

Gostavam imenso de passear a cavalo, e nas horas vagas, da tarde, galopavam desabridamente pelas ruas da cidade.

Tinha o clínico uma mania: operar bóciós.

Quando via um papudo, ficava quase louco, não descansava enquanto não o levava para seu gabinete, procurando convencê-lo da necessidade e benignidade da operação, que fazia gratuitamente, inclusive todo o material necessário, e mostrando fotografias de semelhantes trabalhos por ele praticados, antes e depois do ato.

Auxiliei-o, na Farmácia Brasil, de Miguel Pinto de Moraes, em uma dessas operações, que duram cerca de duas horas, numa indigente, e o sucesso foi completo. Nos arredores da cidade, vivia então um pobre homem, rústico e trabalhador, bom e benquisto, com numerosa família, e que tinha um papo enorme.

Este achado foi um delírio e um encanto para o Dr. Giordano, que, afinal, após exaustivo trabalho, conseguiu convencê-lo.

Convidado para auxiliar, excusei-me por qualquer motivo, sendo substituído pelo Dr. Fernando Carvalho.

A operação, nesse tempo não havia hospital, praticou-se em apartamento especial, adrede preparado, da Farmácia Serrana, do Senhor Ivo José Ferreira, que, nesse dia, inaugurava um possante autoclave.

A anestesia geral esteve a cargo do farmacêutico, e a senhora só se encarregava de alcançar o material. No meio da intervenção, que corria muito bem, houve entre operador e auxiliar uma pequena desavença, por motivo de uma ordem daquele: o auxiliar molestou-se e irrefletido abandonou a sala, de modo impróprio, usando até de termos de baixo calão. Giordano só continuou a árdua tarefa, e, passadas quase duas horas do incidente, o doente falecia na mesa.

Houve um grande barulho; amigos do morto queriam a todo transe, matar o médico; foi fechada a farmácia, e a polícia teve, de modo sério, que intervir, cercando a casa.

Fui chamado pela família, que depositava grande confiança em mim, e pela polícia, para exame cadavérico.

Consegui, com muito custo, que aquela gente desesperada, se acalmasse. Ao entrar, disse, sorrindo, ao Ivo:

- Amigo, que tal o autoclave?

- Foi para mim, respondeu, um verdadeiro auto-cravo, doutor.

A senhora do médico, em prantos, ajoelhou-se a minha frente, exclamando de mãos postas:

- Faça-nos voltar na Nápoles.

Giordano, pálido, de grandes barbas grisalhas à Nazareno, de braços cruzados, estava, ainda de avental branco, imóvel, como uma estátua, na frente do corpo sem vida.

-Que houve, doutor?

- Uma infelicidade... e contou-me, bastante irritado, o caso com o Dr. Fernando Carvalho, a quem acremente, e de certo modo com razão, culpava.

Examinei, com atencioso cuidado, a região operada, camada por camada, todo o plexo nervoso, todos os vasos, arteriais e venosos, perfeitamente ligados: uma técnica irrepreensível.

Fornei à polícia um longo e minucioso relatório.

Dei atestado, como causa mortis, choque operatório.

Enquanto conduziam o cadáver, fiz sair, às escondidas, o casal, que, no dia imediato embarcou para a Europa.

Rio de Janeiro, 18 de julho de 1935.

040 TIO LUIZ pg. 86

Desde menino, na minha natural ingenuidade, acostumei ver, em "Tio Luiz", um homem de saber invulgar.

Alemão de nascimento, com um vasto nome: Dr. Luiz Hugo Guilherme Francisco Frederico Waldemar José Ostrich von Morsch, casado, em Passo Fundo, com uma irmã de minha avó, também alemã, dava-se, desde moço, ao estudo da medicina, principalmente de nossa flora, que merecia sua especial atenção. Em seu gabinete, vários e grandes frascos com cobras de diversas qualidades e tamanhos.

Enviuvou alguns anos depois, deixando 4 ou 5 filhos, e a sua vida desregrou-se bastante, por isso que seguidamente abusava do álcool.

Juntou-se com uma mulata chamada Thereza, com a qual viveu até os últimos anos.

No tempo em que eu estudava medicina ele já devia contar cerca de 70 anos. Usava grandes óculos de aro de ouro, e tinha uma imensa barba branca, a Humphrey, que lhe cobria todo o peito.

Quando eu era pequenino, sei que foi meu médico, e minha mãe contava-me que todos os anos "Tio Luiz", mandava-lhe uma pequena conta pelos seus

serviços profissionais, a mim prestados naquela ocasião, e que, a título de auxílio, sempre lhe pagou: depois da morte de minha mãe, ainda recebi uma.

Conheci-o melhor, e já em franca decadência, durante as férias dos meus estudos, e condoía-me muitíssimo ver o modo desrespeitoso como era tratado pelos jovens de então: soube de um que, aproveitando, uma noite, de seu estado de embriaguez, atou-lhe diversos nós com a própria barba.

De uma vez, fui, a convite, em sua casa, pela manhã. Mostrou-me 12 garrações numerados, de 1 a 12, sucessivamente cheios de álcool com raízes, folhas, cascas de plantas. Ouvi-o com paciência e delicadeza. Referiu-me que ia remetê-los para a Alemanha, afim de serem devidamente estudados e apreciados.

De grosso caderno manuscrito constava uma minuciosa descrição das infalíveis propriedades terapêuticas de cada um, sempre com este fecho: cura isto, mais isto, mais aquilo etc. etc; porém no 12º que continha de todas as plantas um pouco, apenas o seguinte: cura tudo. Fiz-lhe então ver a vantagem de so mandar o último.

O pobre "Tio Luiz" morreu paupérrimo e esquecido e Tupanciretã. Que Deus se apodere de sua alma.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1935.

041 LULU pg. 89

Entre os filhos do Tio Luiz o mais velho tinha o seu nome. Herdara do progenitor a mania da medicina, mas não tinha a sua inteligência, nem o seu preparo.

Não se dava ao uso do álcool. De temperamento nervoso, foi, certa vez, a Porto Alegre, buscar os restos mortais de um seu amigo Bibiano Ribeiro, falecido no hospício, e foi tal sua impressão que, ao retirar, em Passo Fundo, do carro de bagagens, os tais despojos, enlouqueceu, descarregando na urna, todas as balas

de seu pequeno revólver. O rebuliço foi enorme. Preso Lulu e em face do estado de perturbação mental, foi logo entregue aos cuidados de sua família.

Chamado, na manhã seguinte, para atendê-lo, encontrei-o em grande agitação, cometendo os maiores desatinos com a assistência, que fazia ora chorar ou a rir, ora a marchar ou ajoelhar-se, ora a cantar ou rezar, etc.

Com a autoridade de médico, fiz cessar esta cena, e, ao ver-me, dirigindo-se, ao mesmo tempo, para uma senhora excessivamente obesa:

- Doutor, apresento-lhe o cú mais gordo de Passo Fundo.

Foi uma debandada.

A senhora disparou, em prantos, para o interior, onde teve um formidável ataque... e até hoje não me cumprimenta.

Lulu, e já vão para mais de quinze anos, conserva-se ainda no hospício.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1935.

042 UM MAÇO DE CIGARROS pg. 91

Passeando, certa tarde, no cavalo Cauby, lindo tordilho 7/8, filho de Red, ao cruzar em uma esquina, vem correndo, ao meu encontro, um árabe, que, todo aflito, pedia-me ir ver, em sua bodega próxima, um seu filhinho, vítima de uma queda. Era mais vento do que chuva: pequenas contusões.

Ao me retirar, pedi um maço de cigarros e fósforos, esquecendo-me de pagá-los.

Decorreram-se para mais de três meses, quando um mocinho trouxe-me uma conta de \$700 N°.

Não me recordando dessa dívida, fiz-lhe ver de provável engano, e, no outro dia, o árabe mandou lembrar-me da compra, por ocasião do acidente do filho.

Também eu me esquecera por completo dos meus honorários profissionais: paguei-lhe os \$700 N°, e, enviei-lhe uma de 20\$000 N°, que imediatamente satisfez.

Ficamos quites...

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1935

043 MORDIDA DE ARANHA pg. 92

Meu tio, Eduardo Manuel Araújo, era de uma brilhante inteligência e de uma formosa palestra. Ouvi-lo era um encanto: alegre, chistoso, de espírito fino e delicado. Qualquer ocorrência, por ele relatada, expressava um sabor de elegância e de elevada ironia: tinha o verdadeiro pendão do “savoir dire”. Nascido e criado em Passo Fundo, sem haver frequentado colégios, a não ser os medíocres da então atrasada vila, possuía, no entretanto, regular cultura, por esforço próprio. Embora descendente de uma família pobre, por seu trabalho honrado e profícuo fez fortuna.

Guardada a diferença de idade, e guardado também o natural respeito entre tio e sobrinho, devo declarar, e com prazer o faço, que fomos íntimos e excelentes amigos, e que sempre me distinguiu com muita consideração e abundante confiança, conversando comigo, desde os meus estudos acadêmicos, sem guardar aquela velha e tão decantada pragmática, entre parentes, dos nossos antepassados.

Minha tia era distintíssima, de uma moral irrepreensível, de excessiva bondade, ingênua e supersticiosa, acreditando, com facilidade, em tudo que lhe diziam: por ela e por ele, só bem poderia vir ao mundo.

Vamos agora ao caso, que, para sua boa elucidação, se fazia sugerir essas considerações.

Meu tio, como quase todo homem, era um tanto quanto bilontra, e estivera, a negócios, três ou quatro meses, em Porto Alegre, anunciando seu regresso para determinado dia. Nesse tempo, por deficiência de veículos de transporte, o trem

de tabela, que chegara à cidade às 2 horas da tarde, fazendo o trajeto em 3 etapas - Porto Alegre a Santa Maria - Santa Maria a Cruz Alta - Cruz Alta a Passo Fundo, parava, antes de ir à estação, no meio da Avenida Brasil, para deixar os passageiros, como, de manhã, para recebê-los.

Depois de Pulador, a última estação, Tio Eduardo foi ao mictório, e verificou, com espanto, uma lesão ulcerosa e dura, na glândula. Ficou apavorado diante da fundada suspeita de um câncer de Hunter, porém não podia mais protelar a sua chegada, o que fez alegre, abraçando família e amigos.

Já em casa, depois de meia hora, queixando-se de ligeira cólica intestinal, de que comumente sofria, foi à latrina, para uma nova observação, e aí convenceu-se da brutal realidade.

Que fazer? Como resolver esse difícil problema? Como solucionar sua situação doméstica? Como coonestar tamanho caiporismo?

Entre essas tremendas perguntas e cruéis cogitações, assaltou-lhe o cérebro uma idéia formidável e gigantesca, capaz de salvá-lo.

Do pensamento à ação, um instante. Viu na parede de tábuas da antiga latrina, de fossa fixa, uma grande aranha preta, e matou-a imediatamente com um certo cuidado. Atou bem, na perda esquerda, as tiras de sua ceroula comprida, e, com corajosa repugnância, deixou cair em seguida a nojenta aranha, entre a pele e a ceroula. Correndo e gritando ai... ai... com as peças da roupa desabotoadas e seguras em ambas as mãos, entrou pela casa adentro diante da estupefação geral, atirando-se ao leito, contorcendo-se todo de dor.

Foi uma cena dramática desempenhada por notável artista!

Todos queriam saber o que se passara. Depois de muita algazarra e de muito custo, com a testa em suor, e ficando só com minha tia, contou-lhe:

- Eu estava sentado na latrina, e um bicho me mordeu no membro... estou desesperado de dores... que coisa horrível!

Assim falando, tratou de despir-se em cima da cama de alvo lençol, gemendo e afrouxando disfarçadamente os cordões da ceroula.

Nisto, a senhora exclama assustada diante da prova:

- Eduardo, foi uma aranha, aqui está e é das venenosas, vou chamar o Vergueiro.

Vim às pressas, e ficamos só os dois no quarto, e ele, depois de tudo me relatar, baixinho, quase suplica:

- Não me descubra, confirme que foi a aranha, e diga que preciso de repouso, de cuidados, de abstinência por muito tempo.

Assim o fiz, com convicção, autoridade e seriedade... estava salva a paz doméstica... mentiras convencionais de Max Nordau.

Bendita aranha!

Bem merecias um museu!

Na casa, havia uma criada que sabia de uma velha negra feiticeira, possuidora de um método, especial e certo, para uma cura rápida de picada de aranha: a benzedura. Pois bem, até a isso o pobre paciente teve, no dia seguinte, que sujeitar-se, mas sem resultado algum.

Ainda Erhlich não descobrira o bom 606, depois magnífico 914, que dá à úlcera hunteriana uma rápida cicatrização.

Seu tratamento foi, pois, demorado. Muitas vezes ouvi minha tia afirmar:

- Para mordida de aranha, qual benzedura, não há nada como licor que de van Swieten e umas injeções que o Vergueiro dá...

Ambos já são falecidos: ele de uma goma sífilítica cerebral, e ela, que levou para o túmulo a consoladora certeza de uma mordida de aranha, de uma lesão cardíaca.

Ainda nos seus últimos meses de vida, decorridos talvez mais de 20 anos, conversamos longamente a respeito e tive, mais uma última vez, ensejo de ver que ela estava convencida daquela grande verdade, que nunca tentei destruir: ao contrário, procurei sempre fortalecer.

Deus lhes dê o Reino da Glória.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1935.

044 BRUTA DESCULPA pg. 99

Num sobrado, em frente a Farmácia Central, residia, em 1932, um cidadão de origem italiana, cuja esposa, estava gravemente doente, cabendo toda a responsabilidade ao pouco escrupuloso marido, que, a princípio, para desculpar-se, procurou negar a causa, criando então para a sua pobre e inocente vítima, uma situação ainda mais difícil.

Fechada dentro de um círculo de ferro, terminou por confessar, o que, aliás, já se sabia, por conhecimento do tratamento a que, oculto, se submetia, na farmácia.

Uma vez, logo depois do almoço, dia frio de inverno e de lindo sol, as ruas, como de costume, movimentadas, conversávamos, no "hall" daquele estabelecimento, talvez 10 pessoas, e na frente, discutindo futebol, outras tantas, quando o “inocente” esposo surge todo gordo, na sacada do sobradinho, e de lá grita, a bom pulmão:

- Arthur, o Dr. Vergueiro está aí?

A um sinal meu, respondeu:

- Não.

- E o Dr. Tenack?

- Também não.

- Pois então quando um deles chegar, tu lhe pergunta se o cristel da mulher é frio ou morno, se com glicerina ou não, e se meio litro basta.

Foi uma gargalhada.

Todos comentaram a sua formidável estupidez.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935

045 SOPA pg. 101

A página oito destas reminiscências íntimas, escritas ao correr da pena e como uma exclamação de saudades - recordar é viver - fiz referência a um tal Carolino, cujo nome, lembro outra vez.

Decorridos alguns dias depois daquela consulta, voltou-me o homem:

- Doutor, o doente está bem melhor, o remédio toma bem, mas não pode mais com a sopa, tem até vômitos.

-Mas que sopa?

- A que o senhor mandou dar de duas em duas horas.

Dei-me aí, em um misto de piedade pela sua incomensurável burrice, uma explicação sobre as colheres, o que, muitas vezes, em face de outros broncos clientes, achei de conveniência repetir.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935.

046 LICINIO pg. 102

Licínio de Miranda Villanova, natural de Taquari, veio para Passo Fundo, com sua numerosa família, a chamada do seu compadre Ney de Lima Costa. A pedido deste, de quem fui muito amigo, mas de quem tive profundas decepções, fi-lo sub-intendente do 1º distrito, depois delegado de polícia, em seguida sub-intendente de Carazinho e, por último, para me ver livre dele, intendente provisório de Soledade, este por solicitação minha ao Dr. Borges de Medeiros.

Licínio não era um homem mau; possuía boas qualidades, mas tinha um grande defeito: leviano, sempre leviano.

Molestei-me seriamente com ele, e desde aí perdeu minha confiança, quando, em janeiro de 1923, por ocasião de sitio de Passo Fundo, pelas forças revolucionárias de Menna Barreto e outros, entregou a este, na sede do então 4º distrito, algumas armas de guerra que eu lhe confiara. Procurou, em vão, várias

vezes desculpar-se, nunca me satisfazendo suas explicações, por absurdas e indefensáveis.

Entregar armas a um adversário em tempo de guerra e recolher-se à cidade dois dias depois cercada, quando poderia, perfeitamente e sem o menor perigo, tê-las trazido consigo?!

Licínio tinha um genro, natural da Província de Corrientes, na Argentina, bandido e mau sob qualquer aspecto, e a sua maior vítima era a própria esposa, a quem o “bamba” chegava a espancar em plena rua, tanto que o sogro, por isso, não se dava com ele.

Esta senhora adoeceu de um parto e, como passasse mal, seu pai, condoído pelo estado de miséria de sua filha querida, veio me chamar.

Fui, e constatei a necessidade de urgente aplicação de fórceps, levando um colega, Dr. Ivo Barbedo, para a anestesia geral.

Quando tudo pronto, uma vizinha, que já estava, nervosa, me fazendo uns sinais incompreensíveis, não se conteve, e perguntou-me baixinho, pelo meu revólver.

Observei então que o mesmo não estava mais em cima de uma mesa, em que o colocara, e de indagação em indagação, vim a saber que o “valiente” estava com ele à cintura.

- Porque pegou essa arma? Indaguei.

E de cara amarrada, em tom seco e com gestos desordenados, retrucou:

- Porque se minha mulher morrer na operação, eu sei o que vou fazer...

Não titubiei um momento: saquei-lhe imediatamente o 38 do coldre exprobando-lhe com aspereza o procedimento.

- Perdão doutor, o senhor compreendeu mal; quero lhe contar a verdade; juro-lhe que se ela morresse, eu me matava.

A explicação não me satisfez muito, porque, mau homem em pior marido não poderia haver.

A intenção, creio até hoje, era outra, e criminosa.

Depois de insistentes rogos e de tantas implorações, fiz a intervenção, com felicidade, mas com o revólver na cintura e de sobreaviso para defesa imediata, em qualquer emergência.

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1935.

047 REICHMANN pg. 106

O fato em referência passou-se nos primeiros dias de maio do corrente ano. Fui chamado para atender ao Senhor Carlos Augusto Reichmann, chefe de numerosa e digna família, residente, há muitos anos, em Passo Fundo.

Com cerca de 76 anos de idade, seu caso era o de um cardio-hepatorenal; o seu estado era o pior possível; pulso péssimo; dispneia intensa; insuficiência aórtica; antiga bronquite catarrada; anemia, albuminúria, congestão de fígado, edemas, etc.

Quando do exame, o velhinho, aterrorizado diante da morte próxima, assim falou:

- Doutor, não me deixe morrer, fui muito amigo de seu pai e sou seu, ainda quero viver um pouco mais, não me deixe morrer...

Nesse momento preciso, um seu filho levantou-se precipitadamente e num acesso violento de raiva:

- Meu pai, se o senhor morrer não morre sozinho, e, levantando o dedo em minha direção – aonde morre um, morrem dois.

- A quem se refere? Perguntei-lhe com calma.

- Ao senhor, foi a resposta e tomou, levando a mão à cava esquerda do colete, clara atitude agressiva. De um salto levanto-me já de revólver em punho:

- E onde morrem dois, morrem três, canalha.

Seus irmãos saltaram, de golpe, sobre ele subjugando-o e retiraram-no do quarto entre gritos desesperados, enquanto outros procuravam me atender com explicações e desculpas. Era um demente, já estivera alguns meses no hospício.

Fizeram-no embarcar imediatamente de automóvel, para Boa Vista de Erechim, onde reside seu irmão mais velho.

O velhinho Reichmann faleceu poucas horas depois.

Foi esse, sem maiores conseqüências, graças a Deus, o segundo incidente desagradável, dessa ordem, ocorrido comigo, em quase 30 aos de clínica.

Ao terminar, consigno, aqui, que já houve, em um ramo dessa família, um crime sensacional: a mãe desse rapaz louco é tia ou prima de Samorim Kurtz Barboza, que matou, de modo miserável a esposa do Dr. Benedito Frydberg, crime mais revoltante e bárbaro de que tenho conhecimento.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935

048 CASO DAS VACAS pg. 108

João Bibiano era um fazendeiro dos Três Passos, 5º Distrito de Passo Fundo, e com ele, em 1906, negocieei três vacas de cria fêmea e boas leiteiras, pelo preço de 150\$000Nº cada uma, as quais, escolhidas por Ireno Lemes de Moraes, meu saudoso peão, domador e jóquei, muito me agradavam.

Devolveu por este os 450\$000Nº que lhe mandara, sob o fundamento de que não estava precisando de dinheiro, e, quando assim acontecesse, me procuraria.

No fim de duas meses, fui chamado para atendê-lo, já no município de Soledade, pois adoecera de uma pneumonia dupla, em casa de um parente, onze léguas da cidade. Fiz, a cavalo, duas viagens até lá, e note-se hoje, época do automóvel, que, pela sua velocidade, parece reduzir as distâncias, que onze léguas, em um dia, só mesmo bem montado, de sol a sol, com alta madrugada.

Foram 44 léguas de ida e volta, com dois dias de falha na estância, mas felizmente salvou-se o doente.

Médico muito novo, querendo tornar-me conhecido e acreditado, e, em atenção às gentilezas de Bibiano, resolvi cobrar-lhe, por todo o serviço, tão só o preço das vacas.

Ficava uma coisa pela outra.

Eu bem sabia que era uma insignificância, mas tratava-se de um...amigo.

Decorreram-se mais seis meses, ao cabo dos quais recebi, com surpresa, uma carta daquele criado, em que se dizia arrependido da venda das vacas por tal preço, que se quisesse, agora, ficava com elas por 200\$000Nº, e, em caso contrário, poderia devolvê-las, nada me cobrando pelo desfrute do leite.

Enviei-lhe pelo portador, que passou recibo, os 600\$000Nº e, pelo mesmo, uma nota dos meus honorários profissionais, no valor de dois contos de réis.

Três dias depois, regressou o moço com essa importância, e mais uma enorme carta de agradecimento e até solidariedade política.

Burro e nada sério!

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935.

049 IRENO pg. 111

Emygdio Falkembach residia no lugar denominado “Baíos”, no 6º Distrito de Passo Fundo, e há 14 léguas da cidade. Passando, a cavalo por ali, em 1907, sempre com o mesmo Ireno, para almoçar e sestar um pouco, verifiquei em uma filhinha de Emygdio um grave caso de angina diftérica, em começo.

Urgia mandar à sede do município, buscar o soro, e determinei ao meu peão que o fizesse o mais depressa possível.

Ireno partiu ao meio-dia em ponto, e, no dia seguinte, às 10 horas da manhã, estava de volta com seringa, soro, etc.

Fizera, e se tem que levar em conta não só a troca de animais como a demora na cidade – 28 léguas em 22 horas!

Hoje, o automóvel resolveria facilmente o assunto, e nada haveria, nesse particular, de importância.

Utilizou-se o meu dedicado servidor de quatro cavalos: um na casa de partida, um na sede velha da Fazenda Sarandy; outro no Pontão e o outro no Passo da Areia, os quais foram ficando em descanso da galopada e de prontidão para o regresso.

Ireno faleceu alguns anos mais tarde, em consequência de uma rodada, por se ter atravessado um cão na raia, quando, contra minha expressa vontade, tocava, em um sábado de aleluia, para graduação de tempo, um cavalo de corrida de José Maria Lima.

Bom camarada, com saudade, rezo por tua alma.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1935.

050 ABSCESSO DE PESCOÇO pg. 113

Em 1911, apareceu-me, no consultório, um caixeiro viajante, por nome Schneider, muito nervoso, com enorme abscesso na face lateral direita do pescoço, e contou-me que fora, há três para quatro meses, operado em Porto Alegre, de um quisto sebáceo, e que esta era a terceira vez que ali se formara, de modo inexplicável, uma coleção purulenta.

Depois do esvaziamento, em um dos consequentes curativos, observei, localizado profundamente um corpo que me pareceu estranho e de cor vermelha desmaiada.

Com uma pinça longa fixei-o, e, em lentas trações, consegui exteriorizá-lo.

Era um pequeno pedaço de dreno borracha, ali, inadvertidamente, esquecido pelo operador, que era então, e ainda é, professor da Faculdade de Medicina.

Houve rápida cicatrização, e o abscesso nunca mais se reproduziu.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1935.

Corria calmamente o ano de 1912, e eu estava em Porto Alegre, no exercício do mandato de Deputado Estadual, quando em 2 de novembro, recebi um telegrama urgente, chamando-me a Passo Fundo, a fim de atender a esposa de um fazendeiro, minha prima, íntima amiga da minha irmã, companheiras de saudosa e alegre mocidade.

Parti, de trem, imediatamente.

O caso, como diagnosticado, era simples: tivera um aborto de 5 meses, com completa retenção placentária.

Quando cheguei, faziam 8 dias. O médico, que assistira, recentemente formado, era de uma formidável timidez, tão grande nunca vi, e de indescritível indecisão, incapaz de abrir um pequeno abscesso, mas capaz, no entretanto, de brilhantes estudos de laboratório, tanto que nesse sentido, muito o aconselhei, e ocupa hoje, em São Paulo, lugar de destaque em importante estabelecimento daquela ordem.

Fizera diagnóstico de febre tifóide!?!

A pútrida placenta foi extraída imediatamente, mas a infecção septicêmica era enorme.

Depois de uma luta titânica, a morte a venceu no dia 11.

O marido, quando viu sua querida esposa falecida, em um gesto de revolta e de desespero, tentou surrar o meu colega, que vinha se aproximando da casa.

Usando grande energia e até de ameaça, contive-o, aquele mandava célere... as de bailar.

Rapahel, escapou-me o nome, fez-me alguns presentes: um cavalo tordilho, de tração; uma vaca puro sangue, raça duran, por nome Talita, e com cria; um alteroso centro de mesa, de prata, e uma “marquise” toda de brihante.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1935.

Oscar Pinto de Moraes era meu primo irmão, e cinco anos mais velho. Fizera, com bom aproveitamento, seus estudos primários no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo.

Não sei porque motivos íntimos (sei que os tinha, mas guardava segredo) dera-se, aos 18 anos, mais ou menos, ao abuso do álcool: vivia constantemente embriagado, cometendo os maiores desatinos e escândalos, tendo, por vezes várias, sido preso correccionalmente.

Essa vida desregrada preocupava imensamente sua família. Em uma de suas habituais bebedeiras, sofreu grave incidente em um joelho, que se anquilosou para sempre. Era violento e valente, considerado um terror, o bamba da zona, e rara era a semana em que não se envolvia em conflito, mormente com a polícia, a quem tiroteava diversas ocasiões. Mandado pela família, que despendeu os melhores esforços no sentido de trazê-lo ao bom caminho, afastado da sociedade, corrido dos amigos, perambulava, dia e noite, pelos bordéis, cambaleando, imundo e faminto.

Nessas condições, era sempre recolhido à casa de uma mulata por nome Christina, que o tratava com desvelado carinho, mas, mal melhorava, dela fugia, seguindo a sua triste sina. Saía então a mulata a procurá-lo de novo. Quando das minhas férias do quarto para o quinto ano, procurava-me quase todas as tardes. Era natural que o recebesse a primeira vez com certa reserva, mas tive, desde aí, ensejo de modificar minha opinião sobre ele; não era digno de desprezo, mas de piedade, porque, no fundo daquela tempestade, guardava um ótimo coração.

Aconselhei-o como melhor pude, ouvindo-me com calma e atenção, chorando às vezes, e prometeu-me regenerar-se, no que, com sinceridade não acreditei, de momento. Foi ao meu embarque, e contou-me que, há dias, não bebia. Nas

férias do quinto para o sexto ano, não fui a Passo Fundo, pois precisava trabalhar no estudo da tese doutorável, mas soube, e com prazer, que Oscar abandonara o uso do álcool e que, auxiliado por Atanagildo Rodrigues da Silva, tinha uma pequena farmácia.

De chegada a minha terra natal, constatei que tudo era real: uma verdadeira ressurreição para à vida.

Abri meu consultório na “Farmácia dos Pobres” de sua propriedade, e, dia a dia, observava o seu caráter. Alegre, trabalhador, caridoso, inteligente e bom, ele mesmo troçava de seu negro passado.

O parente, como eu o chamava era um inimigo do sofrimento humano, sob qualquer forma, sua maior dedicação era suavizar as dores do seu semelhante.

Auxiliava-me em tudo: em curativos, em operação, em partos, em clínica médica, etc.

Gostava muito de falar em assuntos médicos para ouvir minhas dissertações.

Seu estabelecimento prosperou, tornando-se, em breve, o mais importante e conhecido da região.

Oscar tinha excepcional intuição médica, que verifiquei centenas de vezes. Dizia-me sempre que eu lhe gabava com justiça, aquela qualidade, que não passava de um “pelo duro”, e que o “puro sangue” era eu.

Íntimos amigos, fui seu padrinho de crisma, e ele, em atenção nos seus cuidados para com meu filho Ruy, quando pequeno e muito doente, padrinho deste, mas a política, que une os maiores inimigos e separa os maiores amigos, um dia, desgraçadamente nos separou.

Abri uma dissidência contra seu cunhado Pedro Lopes de Oliveira, então Intendente Municipal, aliás vitoriosa em 1920, depois de uma luta sem igual na serra: Oscar bem sabia dos justos motivos que me levavam aquela campanha, mas acompanhou o cunhado, desenvolvendo a mais intensa propaganda. De amigos passamos, com grande pesar meu, para inimigos. Começou então em 1917, a clinicar ostensivamente, e devo declarar que pouco era o seu tempo para

atender aos seus clientes, quando eu mesmo havia deixado de trabalhar. Era um estudioso, e, conhecendo um pouco de francês, chegou a comprar a Clínica Médica de Dieulafoy.

Construiu uma sólida casa à Rua Morom, onde morava com a mulata, a quem nunca abandonara e de cujo procedimento nada podia dizer, possuía automóvel, tinha uma serraria no 3º Distrito e arrendara, no 5º Distrito, um campo, onde invernava algumas centenas de bois.

Em 1919, tive seguro conhecimento de que meu primo estava se entregando ao uso da morfina.

Em 17 de setembro de 1920, ao regressar da Colônia Não Me Toque, depois de memorável pleito municipal, onde se assegurou nossa vitória, estava-me preparada uma estrondosa manifestação, mas, ao desembarcar, soube que Oscar estava em estado gravíssimo, e solicitei aos meus amigos que, por este motivo, não a levassem a efeito, com o que concordaram. No dia seguinte, por uma feia manhã de grossas nuvens cor de chumbo, apareceram em minha casa os Srs. Atanagildo da Silva, Cantídio Pinto de Moraes e Dr. Ivo Babedo, que, a instâncias reiteradas de Oscar, pediam meu comparecimento.

Fui, e que tristeza se apoderou de mim!

- Parente, estou muito mal, vou morrer, não há mais o que me salve e não quero levar para o túmulo dois pesares: um, morrer seu inimigo e outro, deixar a Christina desamparada. Preciso de sua amizade, o senhor foi o meu melhor amigo, perdoe-me os erros, e quero que agora providencie, com urgência, para eu fazer meu testamento.

Abracei-o compungido, e expressei-lhe a certeza de que eu ainda era o mesmo amigo seu.

O gesto de Oscar, chamando-me nessa respeitável e dolorosa hora, causou, principalmente entre alguns cunhados seus, inimigos meus até hoje, um indisfarçável mal estar, que não escapou aos parentes, mas o que mais lhes irritou foi o testamento, pois tinham um olho no doente e outro nos seus haveres, e, por isso mesmo e por aquilo, mandei imediatamente ver o notário Joaquim

Pedro Daudt, que escreveu suas últimas determinações amparando a seu irmão Miguel e a sua companheira dos maus e dos bons tempos.

-Dê-me agora um novo abraço, posso e vou morrer tranquilo. Choramos ambos.

Oscar, que sofria de antiga bronquite asmática, morreu em consequência do abuso de morfina, na madrugada de 19.

Meu grande amigo, tu, apesar de teus erros, foste profundamente bom, e Deus saberá premiar, no céu, os benefícios que fizeste, na terra.

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1935.

053 CHINA pg. 125

Conheci uma certa negrinha por nome China, casada com um preto, retinto como ela.

Eram felizes. Ele, carroceiro, ela lavadeira. Tinham 3 filhos.

Chamado, em 1916, para atendê-la de um parto, verifiquei, ao nascer a criança, que esta era quase branca. Entre a mãe e pessoas da família do marido, por motivo do “branquinho” foram travadas fortes discussões, quase degeneradas em conflito, e o escândalo era assunto obrigatório de bisbilhoteira vizinhança.

Seu marido estava no interior do município, negociando.

Contente, em seu regresso dez dias depois, perguntou pelo novo representante, ansioso para vê-lo e acariciá-lo, ao que sua mulher, toda aflita, respondeu que o pequeno estava dormindo e que não o acordasse, pois passara mal a noite.

Conformou-se o negro, vindo então a abraçar sua velha mãe, que morava na frente.

Aí, soube de tudo e, na maior indignação, quando voltou à casa, encontrou sua mulher enforcada, em uma árvore do pátio, como um grande ponto preto de cruel interrogação para o marido: quem seria o miserável destruidor do seu pobre lar?

China procurou na morte esquecer o seu erro, e pagou de modo violento o seu crime.

Aquela criança, vítima inocente, entregue à outra família para criá-la, morre algum tempo depois.

Talvez fosse melhor assim...

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

054 ENTENDIDA pg. 127

Em Marau, atendendo, em 1913, a uma parturiente, constatei, ao toque inicial, no fundo da vagina, um útero completamente dilatado, uma ponta de osso, que era de úmero.

Relatou então a família, que a parteira cortara, com afiado facão, depois de muita inútil tração, o braço, já cianosado da criança, e que se apresentava para fora.

A “entendida” ao se ver descoberta e recriminada, quis, apavorada, fugir para o mato, o que se evitou, mas prometeu, entre lágrimas, sob juramentos múltiplos, suicidar-se, caso fosse denunciada à polícia.

Causava dó sua miserável situação, e só mais calma ficou quando os interessados diretos e eu lhe prometemos guardar absoluto segredo.

Ficou tão arrependida e ressabiada, eu nunca mais se deu à profissão...

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

055 RICOCHETE pg. 128

Certo caçador de veado, em 1926, estava em uma “espera”, à beira de um arroio, cujas margens eram altas e pedregosas. Ele ficava, um tanto oculto, em lugar elevado, quando cruzou a água, em disparada, em “pororó”.

Sua espingarda, que era de chumbo grosso, próprio para tais caçadas, funcionou imediatamente, e o lindo bichinho se embrenhou incólume no mato.

Um grito, e o caçador ferido, no dorso superior do pé esquerdo.

Conduzido, de auto, para a cidade, levei-o, antes de interná-lo no hospital, ao raio-x do Dr. Arthur Leite, para localização do projétil: estava o côncavo popliteo ao lado da artéria do mesmo nome.

A explicação só pode ser esta: um dos grossos balins batendo em uma pedra dura, ricocheteou e fez, de baixo para cima, aquele esquisito trajeto.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

056 TRINTA ANOS pg. 129

No dia 24 de dezembro do corrente 1935, completam 30 anos que colei grau de doutor em medicina.

Foram meus companheiros de turma: Balthazar Patrício de Bem; Heitor Annes Dias; Pedro Alexandrino de Borba; Julio Mariath e Ulysses Nonohay. Este, por motivos de uma febre tifóide, que o atacou, em setembro de 1905, só pode completar o seu curso em março de 1906.

Foram as seguintes nossas teses: Heitor – Ruídos Musicais no Coração; Balthazar – Geografia médica do Rio Grande do Sul; Borba – Sobre a digitalis; Ulysses – Prognóstico nas cardiopatias; Mariath – Cremação; Vergueiro – Anestesia geral pelo Keleno.

Matriculamo-nos, na primeira série, 45 alunos; desses transferiram-se para a Faculdade do Rio 2: João Fagundes, no 4º ano e Galeno Revoredo Barros, no 5º, e os outros, ou abandonaram os estudos ou ficaram para trás.

A nossa turma foi a segunda da faculdade. O único falecido é Balthazar, em Cachoeira, em um combate no lugar denominado Barro Vermelho, em um dos primeiros dias de novembro de 1924.

Mariath era o mais velho, tinha cerca de 45 anos quando se formou; Heitor, o mais moço, menos de 23 e eu ainda não completara 24.

Heitor clinicou em Cruz Alta, Porto Alegre e atualmente no Rio.

Borba, em Rio Pardo e agora em Porto Alegre.

Ulysses e Mariath, sempre em Porto Alegre. Balthazar, só em Cachoeira, e eu só em Passo Fundo.

Ulysses é professor da cadeira de dermatologia e sífilis, na capital do Rio Grande do Sul, e Heitor, foi professor de clínica médica em Porto Alegre, e agora no Rio.

Durante os anos de 1902, 1903 e 1904 moramos eu, Heitor, Ulysses e Balthazar, juntos, na célebre “república Charcot”.

O único casado era Mariath; todos os outros noivos das senhoritas Carolina Revoredo, Jovina Leite, Celina Britto, Marina Mattos e Aracy Telles, cujos casamentos se efetuaram todos, no decorrer de 1906.

No dia da formatura, o único que possuía anel simbólico era eu, e o meu anel serviu então para todos.

Foi nosso paraninfo o Dr. Sarmiento Leite, e orador da turma o Balthazar.

Entre meus professores, que já são mortos, lembro-me, de momento os seguintes: Sebastião Leão, Rodolpho Marron, Tristão Torres, Ramiro Barcellos, Arthur Franco, Dias Campos, José Carlos Ferreira, Carlos Wallau, Victor de Britto, Dioclécio Pereira, Protásio Alves, Octávio Lisboa de Souza, Damasceno Ferreira e Sarmiento Leite; e vivos: Olintho de Oliveira, Christiano Fischer, Nogueira Flores, Carvalho Freitas, Diogo Ferraz, Frederico Falk, Marechal Gonçalves Carneiro, Ricardo Machado, Jacintho Gomes, Serapião Mariante e Freire de Figueiredo.

De todos nós alunos, que sempre fomos bons camaradas e amigos, houve um que, tanto na faculdade, como depois na clínica, muito se destacou: o Heitor.

Vergueiro e Baltazar foram intendentess em seus municípios de nascimento, e ambos também deputados estaduais. Na Assembleia do Estado, fui, durante uma legislatura, seu presidente.

Heitor foi deputado federal na Constituinte, de 1934, e reeleito neste ano. Eu fui deputado federal, em 1930, e agora também.

Encerro essas ligeiras reminiscências, nesta hora de saudades, pedindo a Deus pela alma de Baltazar, assim como pelos lentes cujos nomes referi.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1935.

057 GERALDINO pg. 133

Geraldino Xavier, aluno louvado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1915, veio, logo depois, clinicar em Passo Fundo, e onde, de perto, tive a oportunidade de apreciar sua magnífica cultura, sua esmerada educação social: era um gentleman. O seu físico no entanto não o ajudava, por ter-lhe sido, nesse sentido, ingrata a natureza: era feio, bem feio, mas, dentro daquele corpo meio desengonçado, aninhavam-se em ritmo perfeito, um cérebro iluminado, um coração boníssimo e uma alma grande e generosa.

Casou-se em junho de 1918, e, em novembro do mesmo ano, morria da gripe epidêmica, que assolou o País, fazendo muitos milhares de vítimas: em Passo Fundo, cidade, naquela época de 15.000 habitantes, registraram-se para mais de 200 óbitos.

Estava na Capital do Estado quando ele enfermou, e só cheguei dois dias antes do desfecho fatal.

Seu médico assistente era um velho alemão da Colônia Não Me Toque, em verdade bom cirurgião, porém péssimo clínico, Dr. Otto Schmidt.

Geraldino foi acometido de pneumonia dupla gripal, e o tratamento predileto e quase único, era banho frio de imersão de três em três horas, pelo método de Brand, 18°.

Aconteceu da minha chegada logo após a um deles, e o meu querido colega, levemente cianosado, com um pulso miserável e alta temperatura que o mantinha em permanente delírio, reconheceu-me, e, com certo medo, baixinho, para que eu só ouvisse:

- Vergueiro, que tratamento péssimo!

Autorizado pela família, intervi no assunto, mandei suspender os banhos, estabeleci uma enérgica medicação tônico-cardíaca, anti-infecciosa, balões de oxigênio, etc. mas tudo, tudo foi em vão.

Morreu pela manhã de um lindo dia de sol.

Verdadeiramente contristado, diante desse quadro chocante e incompreensível dos mistérios da vida, acompanhei seu corpo até ao cemitério, onde fiz-lhe o elogio final, única vez, até hoje, que discurssei em semelhante local.

Geraldino seria na vida pública, o que foi na Faculdade, um laureado.

Paz à sua alma.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1935.

058 ESPÍRITO pg. 136

Tenho um amigo muito prezado, de grande talento e de débil constituição física, que, em certa época de sua vida, 1914, deu-se ao estudo do espiritismo, teórico e prático. Leu Allan Kardec, William Crook, com sua Katie King, e outros.

Era um prazer ouvi-lo, fervoroso e entusiasta como todo adepto novo a qualquer seita, religiosa ou política. Gostando imenso das experiências com as mesinhas, encontrou, um dia, um companheiro apaixonado como ele e entregaram-se, todas as tardes, a essas observações, mas - palavrinha impertinente e que detesto -, esse camarada, por sinal que professor público, usava e abusava, às vezes, de bebidas alcoólicas, enquanto o outro era, em absoluto, abstinente. Uma ocasião, no inverno, para obsequiar o amigo, adquiriu um bom queijo colonial, salame e algumas garrafas de saboroso vinho nacional. Lendo, comendo e principalmente

bebendo, avançaram pela noite adentro, e eis que, as 11 horas, o meu Chico é atacado de violenta excitação, e, nesse deplorável estado, é conduzido à sua residência.

Sua esposa, diante do abalo, me chamou às pressas, e, em prantos:

- Doutor, meu marido está atacado de um espírito mau, acuda-o.

Baforadas ácidas de vinho e consequentes vômitos levaram-me facilmente ao diagnóstico.

- Senhora, comecei eu, o espírito que está no corpo de seu marido, é o espírito...

- De quem doutor? Atalhou assustada.

- Do vinho... respondi sorrindo.

Café forte sem açúcar, panos frios pela testa, ar puro e fresco da noite, um pouco de amoníaco e depois... um sono profundo.

No dia seguinte, com forte ressaca, formidável dor de cabeça, enjôo, boca amarga e saliva grossa...

Rio de Janeiro, 26 de julho de 1935.

059 RUPTURA DE ÚTERO pg. 139

Certa noite de verão de 1931, fui chamado por um distinto amigo, ao Hospital São Vicente de Paulo, para fazer uma conferência com o Dr. Dino Caneva. Em pequena sala, anexa à da operação, encontrei os doutores Caneva, Leite e um outro. Este, que estava sentado, quando me viu levantou-se rápido e perguntou aflito:

- O senhor também veio para a conferência?

- Sim, respondi secamente, sem cumprimentá-lo ou ligar-lhe a menor importância, visto que fomos e ainda somos inimigos.

Caiu prostrado novamente na cadeira. Fomos os quatro novamente para a sala de operação, e ali verificamos que, em um caso de aborto, tinha havido, por manobra violenta, uma extensa ruptura de útero: o grande epiploon projetou-se pela vagina.

A operação estava a cargo do Dr Caneva, hábil, inteligente e criterioso cirurgião.

O assistente, pálido e suarento, só falava em abandonar a clínica, mudar de residência, no mandato público, em processo, etc.

- Acalma-te, dizia o Dr. Leite, teremos toda reserva.

- Mas podem contar, retorquia o outro, olhando de leve e intencionalmente para mim.

Nesse instante volto-me e sendo superior, digo-lhe:

-Doutor, o senhor não me conhece; ignora o meu caráter; não costumo ter atitudes que não se coadunem com a minha dignidade; avaliei o seu estado, o seu nervosismo; por minha parte não se preocupe; guardarei o máximo sigilo e lhe juro que, de minha boca ninguém ouvirá uma só palavra.

O homem parece que ressuscitou...

O trabalho operatório foi coroado de feliz êxito, e, depois de alguns dias entre a vida e morte, salvou-se a doente.

Falando-me muitas vezes depois, sobre a leviandade desse colega, dizia-me o doutor Caneva, entre muitas outras considerações:

- ... se os papéis fossem trocados, o senhor hoje estaria nas garras da polícia, ou, pelo menos, na rua da amargura...

Eu assim o creio, por isso que não conheço tipo mais mesquinho e intrigante do que esse, agindo sempre como o gato: dando o tapa e escondendo a mão.

O marido daquela senhora várias vezes me tem interpelado a respeito do caso, e constatado sempre a sua grande desconfiança, quase certeza do erro médico.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

060 MÃE E FILHA pg. 142

Em março de 1906 tive que extrair, a fórceps, uma criança, filha de uma pobre lavadeira.

Em 1925, isto é dezenove anos depois, atendi a uma moça, em trabalho de parto, e que necessitava também de uma aplicação do Tarnier, o que, com feliz êxito realizei:

Sua velha mãe inquiriu-me à saída:

- O doutor não me conhece? Esta minha filha, que o senhor acaba de operar, foi também extraída a ferros pelo senhor... e, avivando-me a memória, lembrei-me então na verdade do fato.

Essa criança, também do sexo feminino, tem hoje 10 anos; será que o destino ainda me reserva este serviço: operar avó, mãe e neta, sempre com o mesmo fórceps?... Ché lo cá...

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

061 UMA DENTADURA pg. 143

Em 1908, morava em Passo Fundo, um rapaz de origem alemã, empregado na casa comercial de Octaviano Araújo, cujo gerente era Marcos Uchoa, e o qual usava uma pequena dentadura. Hoje reside no município de Palmeira.

Esse moço, de temperamento um tanto nervoso, acordou-me, alta noite, e deu pela falta daquele objeto, sentindo então uma forte dor no esôfago.

Correu a minha casa, e explicou-me que tinha certeza de que havia dormido com a dentadura na boca e de havê-la engolido durante o sono.

Sua impressão era enorme, mas seu estado geral era ótimo.

Aconselhei-o a seguir, pelo primeiro trem, a Santa Maria, só onde, nesse tempo, havia raio-x, o do doutor Nicolau Becker Pinto.

Partiu imediatamente, e o resultado, depois de muitas pesquisas, foi sempre negativo, no entanto, a sua insistência e as suas dores esparsas era aqui, era ali, continuavam.

Em seu regresso, já desanimado, encontrou, por acaso e com alegria, a dentadura dentro de um sapato velho, em abandono, num canto: ele havia deixado em cima da mesinha de luz e, não sabe como, fora ali parar... Talvez obra de algum audacioso rato esfomeado. Só assim terminou a sua sugestão, mas foi tal e tão grande que chegou a perder em poucos dias, alguns quilos de peso.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1935.

062 MILHARADAS pg 145

Foi meu lente, em 1905, de psiquiatria, o saudoso Dr. Tristão Torres. Todas as aulas, práticas e teóricas, realizavam-se no Hospício São Pedro, de que era diretor, no arrabalde do Partenon, e para lá íamos de “bondinho” a burro, em quase uma hora de viagem.

O professor, muito bondoso, era dedicado amigo dos seus alunos, e, por isso, até hoje, reverenciamos o seu querido nome com respeito e saudades.

Cursava aula de paralisia geral e, nesse tempo, ainda não se conhecia o tratamento para malária. A preleção, como era de hábito, foi ilustrada com a presença de dois desses enfermos, de categoria social deficiente: um pequeno e obscuro agricultor e outro juiz distrital.

Estavam ambos na fase das grandezas, em pleno período de excitação. Postos frente a frente, travou-se logo o seguinte e interessante diálogo:

- Tu de onde és? perguntou o letrado.

- De São Borja.

- Que fazes lá?

- Planto cana e tenho criação de gado, e de um tiro só de laço pego 200 reses... e você, quem é?

- Sou o homem mais rico do Brasil. Todo o Rio Grande do Sul é meu, menos o município de São Borja, que é teu.

- Qual é a tua fortuna?

- É tão grande que nem eu mesmo sei, não se pode expressá-la por algarismos: sou possuidor de milhares, milhares de contos.

Eis aí o termo que o infeliz achou para esclarecer, na mesma profundidade de sua insanidade mental, a sua fabulosa fortuna.

A pessoa em referência chamava-se Napoleão César Bueno, foi Juiz Distrital da saúde de Passo Fundo, durante muitos anos, chefe de numerosa e digna família, e meu compadre e amigo.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1935.

063 A MORTE DE OLYMPIO pg. 147

Olympio Cezar Bueno, quando jovem, recebeu, em um jogo amistoso de espada, um pontão em uma das pernas, donde sobreveio um aneurisma da artéria femoral, que, ano a ano, gradativamente, vinha aumentando.

Consultando-me, aconselhei-o, com demora, a respeito: o aneurisma estava enorme.

Na madrugada seguinte viajou a cavalo, para sua longínqua propriedade, em Sananduva, município de Lagoa Vermelha, contra expressa determinação do seu médico e amigo. Apenas caminhara duas léguas, bem próximo a fazenda dos Portellas, foi acometido de violento mal súbito, caindo ao solo, já morto, em consequência de embolia cerebral.

Quando cheguei ao local, encontrei, cercando o corpo, a viúva, que era minha prima, e Oribe Marques. A este e a mim, Malvina, pungida de dor imensa, perguntava, insistente, como em estribilho:

- Como eu hei de agora viver? Como eu hei de agora viver?

Nisto, aproximava-se Raphael Trindade, bom caboclo, muito inculto e gritalhão, e desde logo, foi-lhe também repetido:

- Como hei de viver?

A resposta do camponês não se fez esperar. Afastando um pouco a senhora, que estava a ela abraçada e em prantos, segurando-a pelos braços, sacudiu-a de leve e respondeu também interrogativamente:

- Ora siá dona, como é que as outras viúvas vivem?

Achei tanta graça que virei o rosto para o lado oposto, a fim de que não me vissem o riso.

À mesma noite do velório, seu irmão, Napoleão, que fora trazido para morrer em casa, e que estava também em seus últimos dias de vida, completamente paralítico, quase afásico, sem carnes, fraco como um sopro, alheio a tudo e a todos, tanto assim que dias antes, morrera, de febre tifóide, na própria casa, o seu filho mais velho, e ele não atinara, sequer desconfiara de coisa alguma, lá pelas duas horas da madrugada, começara a gritar desesperado, com olhos de pavor:

- Tirem o Olympio daqui, tirem, tirem, ele está muito frio, que horror, reparem naquele clarão...

Chamado às pressas, ainda tive oportunidade de ouvir aquelas palavras, e nada mais disse, caindo em seguida, em sua apatia habitual...

Não entro em explicações - segredo da natureza – mas consigno aqui o estranho fato, e asseguro, sob palavra, a sua veracidade.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1935.

Já que tratei do estranho caso último, veio-me à memória, um outro semelhante, mais recente, ocorrido em 1933, no Hospital de Caridade, sendo dele valiosa testemunha o ilustre e prezado colega Dr. Odilon Berendt de Oliveira, Capitão Médico do Exército.

Deu ai entrada o meu querido amigo e companheiro dedicado de tantos anos e de tantas lutas, Capitão Apolinário Torres, em estado gravíssimo, com uma goma sífilítica cerebral, e conseqüente hemiplegia, afasia, etc.

Avançado já em idade, cerca de 60 anos, Apolinário é um dos homens mais conhecidos nos municípios de Passo Fundo e Carazinho, pelo seu grande valor pessoal, tantas vezes demonstrado na guerra e na paz como autoridade.

Instituí enérgica medicação mista, 914, sais de bismuto e de mercúrio, alternadamente.

Iniciou-se a melhora, já balbuciando enroladas algumas palavras, já reconhecendo as pessoas que o cercavam.

Em certa manhã, referiu-se sua mulher que o enfermo passara a noite muito mal, excessivamente nervoso, chorando em desespero e afirmando repetidamente, ter morrido uma sua irmã, residente em Santiago do Boqueirão, de cuja existência eu ignorava, e contou-me mais que essa cunhada, ainda há pouco, menos de 15 dias, viera visitá-los, em Carazinho, regressando em boa saúde.

Essa cena repetiu-se insistente durante a noite seguinte, e todos nós atribuímos o fato ao nevoeiro mental de Apolinário, mas, no dia imediato qual não foi a minha estupefação, quando recebi, daquela cidade, este telegrama:

- Favor avisar a família Apolinário sua irmã faleceu anteontem síncope cardíaca. (assinado) Chagas.

Mostrei aquele despacho àquela senhora, ao Dr. Odilon, à schnester Lydia, diretor de hospital, e outras.

Expliquem agora, se são capazes, os sábios da escritura esses segredos da natura.

Apolinário ainda vive em Carazinho, mas conserva os sinais indeléveis do mal.

Veio, em abril deste ano, visitar-me em Passo Fundo, e aí pediu à sua esposa que, quando ele morresse, me entregasse a sua espada como lembrança.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1935.

065 SIFILITICOS pg. 126

No decorrer do ano de 1921, atendi no hospital, a uma senhora com formidável hemorragia uterina, após parto. Depois da extração de resíduos placentários, necessário tamponamento, injeção e consequentes curativos, teve alta, curada, alguns dias mais.

A criança, ao que então me disseram, ia bem.

Tratava-se de uma família muito ignorante e atrasada, onde a sífilis encontrava um bom campo de desenvolvimento, em vista do inqualificável descuido, e mesmo relaxamento dessa pobre gente.

Soube, mais tarde, que todos tinham a denominada “buba”, placas mucosas sifilíticas da boca, em contágio, certamente, pelo chimarrão que usavam tomar sem o menor escrúpulo. À propósito lembro: o doutor Assis Brasil disse, a respeito do mate tomado em roda, e com muito acerto, que era o melhor meio de uma pessoa cuspir na boca da outra.

Voltando ao caso, decorreram-se oito anos sem que eles tivessem precisão dos meus serviços profissionais, mas, em 1929, fui medicar a velhinha mãe daquela parturiente, de quem já não me recordava mais.

Depois que melhorou, avivada a minha memória, conversamos a respeito, e desejei ver a criança.

Informou-me a velha que havia morrido, assim como mais três depois daquela, e, na sua linguagem simples, ingênua e sem cerimônia, justificou deste modo:

- Os pobrezinhos morrem, doutor, porque já nascem “engalicados”. Ri-me à vontade: a expressão era forte, mas, em boa e rude análise, verdadeira.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1935

066 SIMULAÇÃO pg. 155

Em os primeiros dias de agosto de 1918, o Dr. Geraldino Xavier, que só se dedicava à clínica médica em geral, chamou-me, em conferência, para um caso de hemorragia, em gravidez de cinco meses.

Exame: máscara gravídica, secreção láctea nos seios, de auréolas umedecidas, enjôos e vômitos nos três primeiros meses, cessação completa de regras já há cinco colo uterino fechado e normal, ventre aumentado de volume. À palpação não senti o feto, e à auscultar não percebi os batimentos cardíacos do mesmo. Levei a atenção do colega, para essas duas observações, que também constatou. Sem diagnóstico definitivo, aconselhei-o a prosseguir em seus exames, e prescrevemos repouso absoluto e uma fórmula com 6,0 de clorureto de cálcio.

O corrimento sanguíneo, sem cólicas, passou em poucas horas.

Logo depois, em setembro, segui para a Assembléia do Estado, em Porto Alegre, e Geraldino morria em novembro, da gripe espanhola.

Em dezembro, o marido procurou-me para expor que sua esposa já havia passado o décimo mês da prenhez, e nada de filho.

Procedi o novo exame, todos os sintomas exagerados, mormente a secreção láctea, tão abundante que passava as roupas de uso habitual, obrigando-a a tomar precauções próprias, e também não verifiquei, como da primeira vez, a presença de feto e muito menos de ruídos cardíacos, o que dei conhecimento àquele senhor.

Esse casal não tinha filho algum: a maior aspiração, constante e delicioso sonho de ventura daquela mulher, que vinha preparando, numa encantadora e embalada esperança, há bem mais de ano, um luxuoso enxoval de bebê.

Em menina e moça, fora acometida, seguidamente de grandes ataques nervosos, que se prolongavam, às vezes, por muitas horas, mesmo dias, os quais, depois de casada, não se reproduziram.

Pareceu-me então tratar-se de um caso de gravidez histérica, opinião essa que, a pedido do marido, não levei ao conhecimento da doente.

Em janeiro, esse amigo, que ainda não se conformava, foi comigo à Capital, onde o Dr. Serapião Mariante, após longo e minucioso exame, confirmou o meu modo de pensar. Era então notável o desenvolvimento do ventre, mole e flácido, onde, com facilidade, se metiam as mãos até ao fundo.

À tarde, contei-lhe tudo, e imediatamente teve um violento ataque, passando assim a noite, inconsciente e em convulsões.

No dia seguinte era grande o seu estado de prostração e, interessante, já bem menor o volume do ventre, e, no outro, este estava de tamanho natural, e a senhora, no quarto, amanheceu com abundantes regras.

Ela mesma me referiu que, com uma sua irmã, no norte do país, de onde era também natural, já acontecera o mesmo.

Algum tempo depois, mudaram-se para sua terra natal, Pernambuco, onde aquele patricio, engenheiro de cultura e competência, Dr. Mário Gusmão, faleceu. Sua excelentíssima esposa chamava-se Maria. A família do senhor Mário Braga, de Passo Fundo, tem, como íntimos que eram, pleno e exato conhecimento do fato, que acabo de relatar.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1935.

067 DOIS PÃES pg. 159

Em 1922, ao chegar ao Hospital de Caridade, referiu-me a enfermeira que o doente do quarto nº 5, de febre tifóide, estava muito mal, o que me causou um certo espanto, porquanto, na véspera deixara-o muito bem, e em franca convalescença, já caminhando.

Nesse período final da moléstia terrível de Eberth, a dieta tem de ser rigorosa e seguindo à risca os conselhos médicos.

A fome é grande e devoradora, mas é preciso ir pouco a pouco, com muito cuidado aumentando, em regime severo, gradativamente, os alimentos.

Manoel assim se chamava, estava nesse estado de apetite insaciável, e sua mãe trouxera-lhe, a pedido dele e inistente, e que se dizia aterrorizado, na tarde anterior, dois pães, um d'água, outro sovado, os quais à noite, comera escondido e sofregamente.

Tivera, horas depois, uma formidável hemorragia intestinal, que resistiu a toda medicação, vindo a falecer, apesar dos esforços, às 8 horas da manhã. Sua velha progenitora se sentindo responsável, quase enlouqueceu de dor, e meses após, partiu deste mundo, à procura do seu querido filho, no infinito, misterioso e incomensurável dos céus.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 1935.

068 OUTRA SIMULAÇÃO pg. 161

Esta deu-se no decorrer do inverno de 1927, conforme consta das minhas pequenas notas de observação.

Conseguira entrada, em um sábado de manhã, na sala dos indigentes, um rapaz russo, de constituição robusta, muito corado, apresentando tão só uma paralisia do braço direito, e absolutamente nada mais de anormal.

Desconfiei de uma simulação.

Como, porém, ter a certeza?

Queria descansar, comer e dormir bem alguns dias dessa triste época do ano.

O estrangeiro, mal falando nosso idioma, era inteligente e vivo, e representava, em cabal desempenho, como um bom artista, seu papel.

Nisto, houve um grave incidente na sala de operação, e ao alarme, tive que ligeiro atender. Estava eu com a caneta na mão, e disse-lhe, naquele reboiço, em tom enérgico e apressado:

- Segure aqui.

Ele instintivamente, pegou-a com a mão... parálitica.

Arrependido, e vendo que eu percebera a insensatez de seu gesto, deixou-a cair na branca colcha, conjuntamente com o braço.

Li então algo de estranho em seus olhos azuis, num misto de súplica e piedade.

Não o recriminei.

Prescrevi-lhe apenas um purgativo drástico, e recomendei rigorosa dieta hídrica, do que, hoje, me penitencio.

Segunda-feira encontrei-o já no corredor: estava bom, com todos os movimentos do braço, mas muito pálido... Desaparecera o “vermelho oleoso do seu rosto” do verso de Guerra Junqueira.

Em particular conversamos alguns minutos, e mandei lhe fornecer um abundante café com leite, salame, pão e manteiga.

À hora da partida, apertou-me a mão agradecido, entreguei-lhe alguns mil réis, e lá se foi ele pela vida afora...

Rio de Janeiro 31 de julho de 1935.

069 TAMANCOS pg. 163

Conheci uma linda gauchinha, muito graciosa e inteligente, apesar de sua pouca instrução: seu pai velho fazendeiro, descuidara-se por completo da educação dos filhos, que mal sabiam ler e movimentar as quatro operações. Aquela, casada também com filho de fazendeiro, rapaz que ia frequentemente, por negócios, à sede do município, era o verdadeiro tipo da mulher-lar: boa e meiga, alegre e ponderada, morena e esbelta - *fausse maigre* - trabalhadora e digna.

Nunca tiveram filhos, e gozavam, como até hoje, de invejável felicidade. Esse marido, em uma extra travessura matrimonial, contaminou-se com o impertinente Neisser, e deu por isso, já em casa, quando de regresso.

Essa noite, sob pretexto de fadiga e de súbita indisposição não teve contato com a mulher, que, ingênua, de nada desconfiava.

Levantaram-se cedo, como de costume nos estabelecimentos pastoris, e ele saiu descalço para o pátio. Disse, horas depois, sentiu-se mal da bexiga, o que atribuiu a ter posto os pés quentes no lodo frio, e, à tarde, queixando-se de piorar, foram de auto para a cidade.

Teve antes o cuidado de me escrever uma explicativa e minuciosa carta, que, às ocultas, passou ao chofer para me entregar.

Ciente de tudo, fui à noite, atende-lo, confirmando e salientando aquela imprudência, que seria, por certo, causa de uma cistite aguda.

Esteve em tratamento cerca de dois meses, mas ficou radicalmente restabelecido, como provaram sucessivos exames bacteriológicos.

Durante todo o tempo, a mulher, ficou, claro, em jejum.

No dia em que voltaram para a estância, essa senhora, com imenso espírito prático, fez ao marido uma interessante dádiva: um par de tamancos, para que, recomendação especial, nunca mais pisasse no barro, com os pés descalços...

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1935.

070 PIOR QUE O SONETO pg. 165

Existem certos homens de uma simplicidade de expressão, que, quando em defesa sua, chegam a comprometer a eles próprios.

É um fato semelhante que passo à pinceladas largas, a relatar. Um moço há menos de ano casado pediu-me, um tanto embaraçado, para atender a sua esposa, que compareceu ao consultório no mesmo dia, e, desde logo, foi me

pondo a par de sua desconfiança, aliás, certeza, de que seu marido estava enfermo e transmitiu-lhe o mal secreto.

Ela positivava tão bem sua observação, que não se poderia po-las em dúvida, e tivera o cuidado, suprema coragem, de não conversar à respeito, com ele, para exprobar-lhe, e com muita justiça, o seu brutal procedimento, preferindo sofrer calada e na máxima resignação, sem uma queixa sequer.

Iniciei-lhe o tratamento que, no caso, era preciso ser nos dois.

Durante uma semana, esquivou-se aquele amigo de mim, andava arredio, afastado, até que, em uma tarde, consegui falar-lhe, e, sem preâmbulos e cerimônias, expus o estado miserável de sua jovem mulher, e, no uso de amistosas e antigas resoluções recriminei-lhe severamente a leviandade, ao que, sem medir as consequências, em inadvertido instinto de defesa, procurando estupidamente retirar de si qualquer parcela de responsabilidade, retrucou:

- Se ela está assim o culpado não sou eu.

- Então quem é? Perguntei admirado, recriminando-o ainda mais.

A sua emenda fora pior que o soneto. Caiu em si, e, desesperado, contou-me tudo, o que, aliás, eu já sabia. O seu arrependimento foi de tal ordem sincero e a inteligência da mulher de tal estofo frio, que a paz doméstica não foi perturbada, e formou-se, entre ambos uma felicidade sólida de que, ainda hoje, decorridos tantos anos gozam, mas, habilmente nunca entraram em discussão, nem mesmo explicação, a propósito do escabroso assunto.

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1935

071 PELAS CARTAS pg. 168

O Coronel Pedro Lopes de Oliveira, por alcunha Lolico, por motivos políticos, de descrição, neste momento, imprópria e inoportuna, tornou-se, em 1917, meu inimigo, e assim fomos, até 1931, quando me procurou para uma consulta, na Farmácia Central. Apresentava congestão intensa das mucosas palpebrais e

abundante secreção purulenta, nas conjuntivas, que, examinada imediatamente ao microscópio, revelou a presença de grande quantidade de bacilos de Neisser.

Era, em uma pessoa da sua idade, 70 anos, de organismo já alquebrado, um caso sério e grave, e aconselhei-o a ouvir e a tratar-se com o especialista Dr. Bruno Pelegrini, médico italiano de renome e de competência, o que fez, não dispensando, porém, a minha assistência.

Foi um trabalhão enorme e exaustivo durante mais de mês, mas conseguimos salvar-lhe um olho, ficando outro privado de visão para sempre. Como se processou a infecção?

Lolico, de costumes severos e de rija educação moral, desde que tivera a infelicidade de perder sua esposa, não procurara outra para satisfação carnal, mesmo porque já era impotente há algum tempo.

Depois de muitas investigações, explicou-se tudo assim: morador na fazenda, no 6º distrito, costumava, todos os domingos, em sua casa, jogar “solo” com amigos, colonos vizinhos; um deles estava com uma blenorragia aguda e, durante o último encontro domingueiro, saíra, diversas vezes ao pátio para urinar, não lavando as mãos, que, desse modo, levavam os bacilos às cartas, e, daí por certo, aos olhos daquele senhor, pelas próprias mãos.

Atendi a esse enfermo com muito carinho e desvelo: a nossa velha luta fora tremenda e tempestuosa...Passaram-se anos..., velho, pobre, sem amigos, abandonado e doente, não me era desairosa a sua amizade, tanto mais quanto sempre lhe prestei justiça ao seu caráter, e cumpria-me, santo dever humano, levar-lhe auxílio dos meus conhecimentos, poucos em verdade, mas solicitados, e que, de modo algum, poderia negar.

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1935.

072 SEM ANESTESIA pg. 170

No ano seguinte ao da minha formatura, portanto, em 1906, preparara-me para uma pequena intervenção cirúrgica no consultório: uma fimose.

Na hora aprazada, o interessado comunicou-me que naquele dia, não poderia fazê-la, por viagem urgente e inadiável. Nesse ínterim, entra na Farmácia, para o habitual chimarrão da tarde, o meu velho amigo, Capitão Antonio Sá, a quem referi o ocorrido, e ele me declarou que, se eu não quisesse perder o serviço de desinfecção do material, o operasse de um quisto que tinha no antebraço anterior direito, mas gratuitamente.

Concordei, com o trato de não haver anestesia nenhuma, o que, desde logo, aceitou.

Pensei que tudo isso não passava de uma brincadeira, mas Antonio Sá estava disposto, e queria operar-se, mas só naquelas condições.

Assim fiz: o quisto mucilaginoso era grande, do tamanho de um ovo de peru, e deu relativo trabalho. No ato, fui auxiliado pelo próprio operado, que nunca deu um gemido, nem acusou a menor dor, e nem a mais leve palidez reveladora dessa importuna sensação.

Sempre tive aquele amigo, que atualmente e há muitos anos reside no Estado do Paraná, na conta de um homem audacioso e valente, o que demonstrou, não só pela revolução de 1893, como quando Delegado de Polícia de Passo Fundo, e, nesse dia, tirei-lhe a prova real.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1935.

073 NÃO QUERO CHINA pg. 172

Entre duas rudes famílias de caboclos moradores da serra do Jacuí, em Passo Fundo, por questão de limite da propriedade, travou-se uma grande contenda, causa de invencível inimizade, dando lugar a sérios conflitos, terminados, quase sempre, com a intervenção da polícia.

O ódio alastrava-se desde os mais velhos às crianças, desde os homens às mulheres, e todos eles faziam garbo: cultivavam-no, como a terra com o mesmo interesse e carinho.

O tempo, o maior anestésico da vida, amainara a tempestade, que deixou árvores em destroços, mas não lhe arrancou as raízes, tanto que, de vez em quando, obstava uma nova desavença.

Por contraste e ironia desde mundo, o destino determinou a um moço de uma daquelas famílias, o amor, mais que isso, a paixão por uma jovem da outra.

Foi o que bastou para que naqueles cérebros ignorantes e corações endurecidos “que não transigem, não esquecem, não perdoam” se reavivassem as hostilidades, que assumiram grandes proporções.

O obstáculo, de parte a parte, irritou os namorados, estimulando, cada vez mais, aquele doce sentimento: o ódio nada constrói e só o amor vence.

Combinaram um plano, maduramente pensado, e o rapto se deu.

A polícia estabeleceu escoltas à cata dos fugitivos, e, somente depois de dez dias, conseguiu prendê-los, lá bem no fundo da serra, em miserável palhoça.

Os “pombinhos” de cor de cobre, conduzidos à cidade, para onde também se transportaram as respectivas famílias, foram, para maior garantia, metidos, em quartos separados, na cadeia.

Os velhos, homens de honra, daquela boa têmpera antiga, tão rara hoje, só admitiam o casamento no caso de “mal à moça”, ainda nessa hipótese, o novo casal morar distante de seus pais, em terras deles: não queriam mais se ver.

O então Delegado de Polícia, meu prezado e saudoso amigo Affonso Lima, solicitou os meus serviços, para exame médico legal do defloramento, confessado pelo rapaz e não negado pela moça.

Conversei com ambos demoradamente: só desejavam casar.

Ao exame, constatei com espanto, diante das afirmações de ambos, que a cabocla era virgem, inteiramente virgem, membrana hímen intacta e nem sequer vestígios leves de contato carnal.

Sem dar a minha opinião a ninguém, fui ao raptor, e exprobei-lhe sua mentira e, quase chorando, implorou que eu não o descobrisse, por ser só pela justiça que poderiam realizar o seu sonho de esperanças e desventuras.

-Porque então você não a deflorou?

- Olhe, doutor, eu a quero para minha esposa; eu não a quero para china, e é esse o motivo do meu respeito por ela.

Fiquei pasmo em face de tão elevado sentimento em gente de tão inferior classe social.

Não me saia da memória a frase: eu não a quero para china...

Essa moça não poderia mais viver com os seus pais; ela e o noivo fariam, dia mais dia menos, uma loucura, quiçá irremediável; a felicidade deles estava, pois, nas minhas mãos, e tomei uma resolução definitiva.

Dei o meu laudo, confirmando o defloramento recente, e o consórcio efetuou-se horas depois.

Menti, é verdade, mas o fiz com os olhos em Deus, e para o bem de ambos.

São felizes e tem alguns filhos, e esses netinhos, pequenos ditadores dos lares, que governam discricionariamente os avós, mais, muito mais que os próprios filhos destes, quando crianças, e quase por milagre aproximaram aqueles velhos e rancorosos inimigos, que vivem contentes e na maior harmonia.

Por tudo isso não me arrependo da minha mentira.

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1935.

074 QUANTO P pg. 177

Houve uma época de minha vida, de 1917 a 1924, em que quase abandonei a medicina, dedicando-me à política e a administração municipal.

Trabalhava, é verdade, nas horas vagas, mas o serviço não me produzia absolutamente nada; a clientela era constituída de: pobres, parentes, políticos, padres, provisórios, putas, p 5 da estrada de ferro e prompts. P.p.p.p.p.ponto!

Tinha muitas vezes, e não me arrependo, de fornecer dinheiro para a medicação, dieta, enterro, não falando nas corridas de automóvel, sempre pagas por mim, mas isso tudo não era nada, diante das inevitáveis e não pequenas “facadas” de ordem política.

Quanto tempo e dinheiro perdi!

Deus, que é bom e cheio de justiça, e que, melhor de que ninguém conhece, a fundo, o meu caráter, já tem, e há de, por certo, continuar a me recompensar.

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1935.

075 ÚNICA BOFETADA pg. 178

Tive um tio muito querido, cidadão digno e de grande conceito social, destacado comerciante atacadista e importador, um dos diretores do Banco Francês e Brasileiro, que foi, em 1916, acometido de paralisia geral, que o levou ao túmulo, em 1918. Nesse tempo a malarioterapia era desconhecida.

Estava em Passo Fundo quando, à tarde, recebo de Santa Maria, um lacônico telegrama de minha tia:

-“Araújo gravemente doente, passamos com Dionísio hoje aí destino Rio. Peço com empenho nos acompanhar”.

Até então, de nada eu sabia.

Quando entrei no vagão e dirigi-me para cumprimentá-lo, ei-lo que vem, precipitadamente ao meu encontro, e, no momento em que lhe estendi a mão, dá-me, com toda a força, uma bofetada que, pegando-me desprevenido, atira-me em um banco. De nada tive tempo, por isso que o meu agressor foi imediatamente seguro, enquanto minha tia e minha irmã Izaura, abraçadas a mim, e, em prantos explicavam-me o estado de perturbação mental daquele.

Só aí compreendi tudo, e, de rosto vermelho, ouvido em zunidos, desapontado, seguimos viagem.

Dionísio, de vez em vez, pilheriava, lembrando-me a bofetada, brincadeira sua, que, repetida, ia me desagradando, tanto mais eu ficava completamente abatido: pelo fato físico que sofri, e pelo moral da doença do meu tio e padrinho.

Quando já no Estado do Paraná, o enfermo, em indescritível excitação genésica, tão comum no começo desse mal, reclamava a todo transe, uma mulher qualquer para satisfação imediata do seu exagerado desejo, e em dado momento reclamou:

- Dionísio, eu sei que tu gostas muito de dinheiro; arria as calças que te dou 30 contos...

Avançou violento sobre ele, procurando pegá-lo pelas costas, em verdadeira luta corporal.

Foi uma cena tremenda e, a muito custo, conseguimos sacar o meu cunhado e dileto amigo de suas mãos, que livre e espavorido, disparou para outro carro.

Nunca me ri tanto em minha vida. Deixei passar alguns momentos, a fim de que ele se refizesse do susto, e fui encontrá-lo todo encorujado e mais abatido do que eu.

A vingança, diz o povo, é o licor dos deuses, e eu me vinguei.

- Escute bem, todas as ocasiões que tu contares a história da bofetada, eu relatarei a dos 30 contos.

Nunca a repetiu, e, até hoje, às vezes, eu, por brincadeira, lhe desafio para que a repita, e ele, entre risos, nega a tentativa de agressão e diz que é invenção minha, mas asseguro a verdade da cruel proposta.

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1935

076 PERFIDIA INOCENTE pg. 182

Com o Dr. Cezar Merlo, ilustre cirurgião italiano, falecido em sua Pátria, algum tempo depois, operei a um menino de 8 anos, de osteo-mielite da tíbia esquerda. Diariamente ia lhe fazer os curativos, e era sempre um berreiro infernal, que começava logo na minha entrada e só cessava quando eu saía.

Uma vez, quando a criança estava mais calma, falei-lhe com carinho, da inutilidade daquele desespero e da desnecessidade daquela gritaria, ao que, procurando justificar-se me respondeu, de súbito, na presença de seus pais:

- A mamãe hoje também gemeu e gritou, quando meu pai mexeu na bunda dela.

Imagine-se o estado em que ficamos: eu atônito, sem pronunciar uma palavra, com vontade imensa de rir; o pai, zangado, ralhando com o filho, e a mãe, em prantos, explicando a ocorrência: “estava com um ferimento na nádega, e o marido de manhã tentava espremê-lo, e nada mais”.

Não se satisfez só com a afirmativa, levantou a roupa, e, em verdade lá estava o ferimento salvador.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1935

077 QUE LATA pg. 183

José Bernardes, o Zezinho, como é geralmente conhecido, foi em 1925 e 1926, sócio do meu filho Ruy, na Farmácia São José, e, por isso, bem o conheci.

Bom cidadão em bom profissional. Falta-lhe o grande dedo da mão direita e tinha o hábito frequente de, nas horas vagas, meter o indicador no nariz, fazendo bolinhas e as atirando longe.

Era de uma simplicidade chocante, e, nesse sentido, contam-se dele anedotas interessantes, como a de uma viagem a Uruguaiana, em companhia de sua tia, velha solteirona, com passagens fornecidas pelo 6º Corpo Auxiliar, para um tenente e para um capitão, e o cobrador do trem, ao carimbá-las perguntou onde

estava o capitão, e Zezinho rindo-se apontou para a titia, que de tão encabulada, diante da gargalhada do empregado, meteu a cabeça na janela, sem ver o vidro que estava baixo, quebrando-o, sem, felizmente, machucar-se devido ao chapéu.

Um ano antes de casar-se, consultou-me sobre o corrimento uretral, procurando me convencer de que não se tratava de blemorragia, visto como, há mais de um mês não tinha relações sexuais.

Levada a secreção ao microscópio, constatou-se a presença de muitos micrococcus de Neisser.

-E agora, como foi então, seu Zezinho? Inquiri.

-A culpa de tudo isso, doutor, cabe a uma folha de lata, em que pisei, sem meias e com os pés quentes, ao me levantar da cama; é tão somente à ela que atribuo este maldito corrimento.

-Pois, meu caro amigo, asseguro-lhe que esta lata está “queimada”, convém também tratá-la, e deve ser, por certo, muito puta.. Nunca ouvi chamar aquilo de lata...

Zezinho vive, hoje, em Porto Alegre, onde é farmacêutico da Escola Militar.

Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1935

078 O CASO DO MUNDICA pg. 185

Edmund Dalmácio de Oliveira, mais conhecido pela alcunha de Mundica, foi o homem de quem mais, até a uma certa época, eu fui amigo, na vida.

As atenções e favores, que lhe dispensei, como inúmeras vezes fornecimento de dinheiro; empregos e colocações que lhe dei eu consegui, como, sub-intendente, delegado de polícia, comandante de um corpo auxiliar da Brigada, sub-chefe de polícia; negócios que lhe proporcionei, como o da compra de gado, no Passo da Areia, e tantos outros que seriam longos citar, são de conhecimento público de minha terra, e não há ali quem os ignore. Dele, como recompensa, em os últimos anos de sua vida, recebi as maiores ingratidões. A minha enorme decepção não

se descreve; para bem compreendê-la, torna-se necessário havê-la sentido uma vez sequer.

Tornamo-nos inimigos, mas não é disso que vou tratar nestas páginas.

Em um dos meus regressos de Porto Alegre, em 1929, soube, ainda na estação, que Mundica estava à morte, desenganado, e, já em casa, recebi a visita dos senhores Álvaro Lucas e João Xavier Chicuta, respectivamente, genro e sobrinho, que, em nome de Dona Ambrosina, sua esposa, vinham me chamar, em apelo. Fui.

Cinco eram os médicos que o tratavam, com os quais conferenciei longamente. Depois do exame a que procedi, concordei com o diagnóstico, mas discordei, por completo, do tratamento.

Edmundo, com uma infecção reumática poli-articular aguda, apresentava como complicação, uma miocardite da mesma causa.

Pulso quase incontável e imperceptível, 180; alta temperatura, 40.8, delírio intenso...

Faziam-lhe injeções de 8 qualidades diferentes, por dia, e banhos de ar seco e quente, de 6 em 6 horas, em um caixão de madeira, especialmente preparado, com 15 lâmpadas elétricas no interior. No seu quarto 3 aquecedores elétricos, permanentemente acessos e nas janelas, pequenos e compridos sacos de areia, para evitar a entrada de ar.

Discordei, como já disse, desse tratamento, e propus a sua substituição por gelo.

A discussão tornou-se generalizada. Afinal não chegando a um acordo, chamei genro, sobrinho, irmã, esposa e filha do doente ao escritório da conferência, que era, cada vez mais irritante. Aí, os médicos todos, a uma voz, declararam que o enfermo não amanheceria, que a sua morte era inevitável, e que não admitiam minha medicação.

- Nesse caso perdido, na opinião dos senhores, que mal há na experiência da aplicação de gelo, nas diversas articulações mais atacadas e no precórdio? Se ele está quase morto, se morrer não será o gelo. Os senhores dizem que não há

mais nada a fazer, eu afirmo que há ainda um meio a que se pode recorrer, pois bem, tratemos então.

Continuavam, obstinados, não concordando, mas a família, na esperança extrema, pensou como eu, e os meus colegas, em um gesto muito deselegante, abandonaram o doente. Um deles, ao sair declarou que eu ia cometer uma eutanásia.

Fiquei como assistente.

Mandei retirar o tal caixão, onde o enfermo, fechado, suave como um desaguasco, até correr pelas frestas; apagar as estufas; afastar os sacos de areia; abrir as portas e ligeiramente, e poucoa poucoa as janelas. Suspendi a salada de injeções e várias poções. Determinei: a aplicação de seis bolsas de gelo nas várias articulações e na região precordial; uma injeção de óleo canforado, 0,50, de 4 em 4 horas e uma fórmula com 8,0 de bromureto de sódio com 3,0 de urotropina e nada mais.

Depois de 2 horas, saí, prevenindo que me avisassem de qualquer ocorrência.

De manhã, pulso 140, menos fraco, temperatura 39.

Ao meio-dia pulso a 120, mais cheio, temperatura 38.5.

A tarde, pulso 100 e temperatura 38.

A infecção, acompanhando a melhora foi diminuindo. Só nesse momento, é que o doente me reconheceu. Passou bem a noite e, em poucos dias, estava em franca convalescença.

Foi um caso ruidoso e de excepcional sucesso.

Edmund veio a falecer dois anos depois, em 20 de setembro de 1931, de síncope cardíaca, em Tupanciretã.

Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1935.

Clinicava em 1928, em Carazinho, o ilustre colega Dr. Pedro Pinto, a quem conhecia ligeiramente, sem ter, até então, o prazer de sua amizade mais íntima.

Enfermava, e seu médico assistente era o Dr. Eurico Araújo, formado pela Médica Cirúrgica de Porto Alegre.

Diga-se de passagem, que conheço alguns profissionais, ali formados, com apreciável competência, mas o nosso em referência é uma formal negação, e tanto assim é que nunca conseguiu, em mais de 20 anos de residência, organizar sua clientela. Hoje pouco se importa com isso, depois da morte do sogro, que lhe deixou um bom dinheiro, mas antes desenvolvia o maior empenho, naquele sentido.

A sua quase única renda era a de médico da Estrada de Ferro.

Há dele uma pitoresca e autêntica anedota: o íntegro Dr. Sólton Soares, Juiz da Comarca, ao inaugurar o Fórum do novo município, em 1931, não quis incluir na relação dos jurados, o nome do Dr. Eurico, tão somente por ser médico, e, em ofício de profissão, não poder atender, muitas vezes, e convenientemente, o serviço da justiça, atitude aquela que, de modo invariável, mantém com todos os clínicos. O interessando “nouveau riche” protestou, em plena sala do Juiz, arrogante e irritado, para gozo dos presentes:

- Eu sou médico por esporte.

Atendendo a uma respeitável ponderação, o Juiz reconsiderou o seu ato e o nome foi incluído.

Não quero me furtar ao prazer de, já que acidentalmente tratei desse “notável” cavalheiro, consigno o que me contou, e mostrou nos autos, o Dr. Pedro Pacheco, Promotor Público de Passo Fundo, com jurisdição em Carazinho. Eurico Araújo, ao fazer, no começo do corrente ano, um auto de corpo de delito em uma moça, por queixa de defloramento, ditou ao escrivão entre outras coisas, que não convém ao caso, o seguinte:

“O seu pênis muito cabeludo”

O humilde serventuário do cartório, admirado, chamou sua atenção para o engano, e ele, doutor em ciências médicas, solene e dogmático:

“Pênis sim, você não entende disso”.

E lá ficou assim registrado: o pobre confundiu pênis com púbis!

Deixemos, porém, esse “heroi” na noite eterna de sua ignorância, e passamos ao caso do Dr. Pedro Pinto.

Este estava passando mal, e bastante nervoso, como todo médico doente. Seu assistente receitava-lhe Kermes mineral e Quicol, e aplicava-lhe grandes cataplasmas quentes, ora no peito, ora nas costas.

Seu diagnóstico era pneumonia. Examinei, com redobrada atenção, o enfermo, e firmei a minha opinião: “derrame de pleura”. O "colega" não balbuciou uma só palavra contradita, mas o próprio Dr. Pedro Pinto não se conformou de momento, por isso que chegara de véspera, da Capital do Estado, onde fora encaminhado por um professor e este não lhe falara em tal.

Relutou muito em uma punção, como prova provada, e fiz-lhe sentir que o seu derrame era enorme.

Nesse caso, levei-o, de auto a Passo Fundo, onde, com os colegas Dr. Dino Câneva, Arthur Leite e Benedito Frydberg, conferenciei, e o meu diagnóstico não foi contestado, aliás, confirmado unanimemente.

Feita a operação, extraímos quase três litros de líquido citrino.

Houve reprodução, que absorveu-se em seguida, com o uso de novasoral e clorureto de cálcio, por via intra-venosa.

O doente restabeleceu-se por completo; está hoje, clinicando na Palmeira, forte, gordo, e, todas as vezes que se encontra comigo, recorda, agradecido, o fato relatado.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1935

Tinha um primo, já falecido há anos, bom rapaz, mas muito atrasado e indiscreto. Era de uma curiosidade imensa. Nas proximidades de sua casa, tratava eu de uma senhora, da elite social, seriamente enferma, de moléstia própria de seu sexo. O parente andava ansiado por saber o seu mal e, nesse sentido, várias vezes atirava-me, de leve, algumas indiretas, mas, com relativa facilidade desviava a palestra, deixando-o na mesma.

Um certo dia, refeito de coragem, não se conteve:

- Parente, do que ela sofre?

- Ela, Benedito, está sofrendo do externo cleido mastóideo, respondi, por troça, para embaralhá-lo, e por ser o primeiro nome arrevesado que me veio à memória.

- Eu já ouvi dizer que isso é doença grave, retrucou, muito sério e um tanto desconfiado.

- Sim, respondi, gravíssima...

Nunca mais me perguntou nada, e creio que compreendeu a brincadeira.

Pobre primo.

Vitimou-o em plena mocidade, uma insuficiência aórtica.

Deus lhe conceda a bem aventurança eterna.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1935.

